BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES
Director litterario — LUCIANO CORDEIRO
Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

O INFANTE D. PEDRO

CHRONICA INEDITA

POR

Gaspar Dias de Landim

LIVRO TERCEIRO

ESCRIPTORIO
147, Rua dos Retrozeiros, 147
LISBOA

1894

LIVRO TERCEIRO

CAPITULO I

De como El-Rei D. Affonso houve o governo do reino contra vontade do Infante D. Pedro

Ficou o Infante D. Affonso (que como fica dito foi o primeiro Duque de Bragança) mui descontente de vêr que o Infante D. Pedro, governador, não queria largar o governo a El-Rei seu sobrinho, ou movido de pouca amizade que com elle tinha, ou por ventura por lhe não parecer conveniente que tendo-o largado em côrtes, por via de negociações e dissimulações não queria desistir d'elle, e trazer El-Rei sujeito de traz de si por onde andava, sendo já de edade e saber para se governar por seu arbitrio e não por vontade alheia. Pelo que avisou a El-Rei por Gonçalo Pereira, fidalgo de sua casa, e lhe mandou uns apontamentos em fórma de conselho em que o persuadia que governasse seus reinos, e não andasse sujeito ao Infante D. Pedro, pois lhe dera Deus tão perfeito juizo e entendimento, que podia governar outros estados muito maio-

res. O mesmo lhe persuadia e aconselhava por suas cartas o Conde de Ourem, e quem mais continuo era n'estas lembranças e persuasões foi o Arcebispo de Lisboa, que havia dias assistia na presença de El-Rei muito contra vontade do Infante, mas oppunha-se em contrario a agencia e diligencia do Infante D. Henrique que lhe persuadia e aconselhava o contrario.

Mas tardou pouco que se não deliberasse que, já como casado e como quem tinha sua casa apartada, tinha mais liberdade para tratar com todos mais livremente, e o Duque D. Affonso seu tio continuasse com seus avisos lembrando-lhe que não era razão que em seu reino fosse outrem mais reverenciado e estimado que elle. E juntos estes aos que o Arcebispo seu tio lhe dava, e lembranças que se lhe faziam de que quem o trazia sujeito lhe perseguiu sua mãe, e senão deu por satisfeito com menos que com lhe tirar a vida depois de lhe ter tirado o remedio para ella, e a tirara tambem a elle se vira modo para poder tyrannisar o reino, e se o não pozera por obra fôra com medo de não sahir com essa pertensão que sempre se lhe conhecera, e se o não fizera fôra com medo de alguns Principes da casa real que eram leaes e verdadeiros, que sabia lh'o haviam de contradizer e impedir, e que pois assim era porque queria que em logar de grandes castigos que merecia tivesse tanto poder que trouxesse a elle seu Rei sujeito de uma parte para outra tanto contra a auctoridade real como honra sua e de todo o reino.

Com estas e outras razões que se imprimiram no animo de El-Rei se determinou de excluir logo ao Infante do governo, e com effeito o avizou que logo

o largasse e se não entromettesse mais no tocante a elle, por que só queria governar, e lhe convinha assim.

Bem entendeu o Infante D. Pedro que aquelles movimentos tão determinados e resolução tão apressada procediam de animo apaixonado e sollicitado por seus inimigos e outras pessoas que lhe não eram affeiçoados e com grandes mostras de paixão lhe disse que era muito contente, mas que bem sabia que tudo nascia do que seus inimigos lhe faziam crêr e bem se tinha conhecido ser falso quanto lhe quizeram pôr, e que já nas côrtes proximas passadas se tinha escusado e largado o governo, e se tornara a acceitar fôra por elle lh'o mandar e todo o reino lh'o pedir, e fôra continuando com elle mais forçado que voluntariamente, o que já então vira e conhecera bem que lhe dera Deus o sigo e entendimento para que sem outra ajuda podesse governar seus reinos, e que pois assim queria que tambem tomasse juntamente sua casa e mulher com o governo pois estava em edade sufficiente e assim convinha a seu estado. No que El-Rei veiu tambem e ficou acertado entre elles o tempo em que se havia de effectuar.

O Infante tratou de se aperceber de tudo o necessario para a casa e serviço d'El-Rei e da Rainha sua filha como convinha, e o mesmo para a sua, não deixou o governador de continuar alguns dias com o governo por lhe parecer que El-Rei o havia por bem até tomar sua casa; mas teve logo aviso de El-Rei que não tratasse mais d'elle nem de cousa que lhe tocasse, por que antes de tomar casa e mulher queria governar por si que assim convinha a seu estado e honra. De que pesou muito ao Infante que dizia que juntamente tomasse mulher e governo,

ainda que muitos diziam que sua tenção era não o largar; de que sendo elle informado por tirar a occasião de algumas suspeitas ou de outros inconvenientes o largou de todo e se não entrometteu mais em materia alguma tocante ao governo, em tanto que algumas cartas que em seu nome estavam despachadas as não quiz assignar.

El-Rei sendo em o mez de maio de 1448 tomou casa com sua mulher em Santarem com as ceremonias e bençãos ordenadas pela egreja, com algumas festas, mas não foram aquellas que o Infante D. Pedro quizera e tinha ordenadas, porque El-Rei as não quiz, nem consentiu fazerem-se, em que deu ao Infante muito que cuidar, ao qual d'aqui em diante não succederam as cousas tão prosperamente, porque como de algum modo o sentiam desfavorecido de El-Rei, d'ahi resultou que muitos que lhe não tinham boa vontade se declararam contra elle, ainda dos que mostrvam ser-lhe affeiçoados. Não houve poucos que lhe deram as costas, que taes são as pagas do mundo.

CAPITULO II

Em que se trata de algumas cousas que se fizeram em odio do Infante D. Pedro

TINHA chegado á este reino um João de Berredo que havia tempo assistía na côrte romana sobre negocios de importancia do reino, o qual era filho de Gonçalo Pereira, fidalgo da casa do Infante D. Affonso, e governando o Infante D. Pedro continuava muito sua casa, como tambem a do Conde de Ourem, e tanto que El-Rei começou a governar teve entrada com elle por razão dos negocios de Roma, e como da casa do governador e seu familiar descobriu a El-Rei muitos segredos e entre outras cousas lhe disse que o Infante D. Pedro tinha grão desejo de reinar e deixar seus filhos grandes, posposta toda a obrigação de lealdade; e dado que como obrigado ao Infante como quem tinha recebido d'elle muitas mercês e amigo de seu serviço e honra, tinha mais obrigação a seu Rei e senhor, e como bom portuguez não callar cousas de tanta impor-

tancia, e como tal lhe fazia esta lembrança para que atalhasse todos e quaesquer inconvenientes.

Dizendo tambem que ouvira outras muitas cousas contra sua real pessoa; accumulando mais que bem se colhia da pertinacia de querer governar contra sua vontade, em tanto que tendo-lhe por vezes mandado não se entromettesse nas materias do governo, não havia acabado com elle sem ainda depois de lh'o ter mandado por tantas vezes com tanta resolução nem havia despacho de negocio de importancia em que consentisse se admittisse outro parecer senão o seu, nem se determinasse senão por seu mandado e ordem, affirmando sobre tudo que em quanto elle andasse na côrte não havia de ser sua real pessoa respeitada como devia, porque os fidalgos e pessoas da casa real respeitavam mais ao Infante que a elle proprio, e portanto convinha que não andasse na côrte, e muito mais convinha para segurança de sua real pessoa, e que como tinha dito elle era creado do Infante D. Pedro e muito seu servidor, mas que a obrigação de bom vassallo atropelava todas as mais razões e obrigações, e como tal lhe descobria todas estas cousas por serem de tanto peso e importancia.

De tal maneira soube encarecer a El-Rei estes avizos, e de tal modo se lhe imprimiram no entendimento, que foi mettido em grande confusão, porque ainda que o Berredo não fosse pessoa tão qualificada como se requeria para lhe dar estes avizos, o conhecia por grande servidor do Infante.

Pelo que vacillando em seu pensamento sobre o modo que teria, não se quiz determinar sem primeiro tratar o negocio com pessoa de mais qualidade; e porque o Conde de Ourem lhe tinha escri-

pto sobre a mesma materia e dado alguns avisos, se partiu El-Rei para Torres Novas onde estava a vêr-se com elle e tratar do remedio e ordem que se poderia dar, aonde communicaram ambos largamente sobre o caso, o qual lhe aconselhou, e persuadiu que importava despedir o Infante tanto para segurança de sua pessoa, e estado, como para a auctoridade real e bem de seus reinos, havendo tambem respeito ao grande abatimento que se lhe seguia de andar em sua companhia, sendo assim que não queria de todo deixar de se entrometter nas cousas do governo, e por excusar o pejo de o despedir pessoalmente lhe mandasse recado por um fidalgo que se recolhesse logo a suas terras, e se nem isso quizesse fazer que d'ahi se passasse El-Rei para outra parte e o deixasse em Santarem até ordenar o que se devia fazer; e depois de bem praticado entre ambos assentaram que El-Rei o despedisse; mas porque lhe pareceu que seria de animo acanhado em não o despedir por si ou não tornar a Santarem, disse que logo se queria partir a despedil-o pessoalmente; ao que o Conde lhe respondeu que pois assim queria, levasse alguma gente armada que porventura o Infante resistiria e não faltaria quem o ajudasse, e não querendo obedecer o faria por força cumprir seu mandado. O que a El-Rei pareceu bem, e mandou ajuntar d'aquelles logares a gente que com brevidade podesse e a levou comsigo bem armada. Foi logo avizado o Infante em Santarem, onde ficara, da gente que El-Rei ajuntara, e da razão por que por via de alguns de muitos que serviam na casa d'El-Rei que lhe eram affeiçoados como postos de sua mão; e tanto que o soube foi posto em grande confusão não se sabendo

determinar no que faria, atribuindo todos aquelles preparamentos e receios d'El-Rei ao odio que sabia que lhe tinha o Conde de Ourem, e por fim determinou mudar a força em virtude aparente e mostrar a El-Rei e a todo o reino que por sua vontade se queria sahir da côrte. Tanto que El-Rei chegou a Santarem o foi visitar encobrindo sua grande tristeza, e com mostras de alegria, depois de lhe perguntar pela sua saude e pela razão de sua ida e tornada, lhe disse:

Senhor, dez annos ha que n'este cargo de governador, que Vossa Alteza, e vossos vassallos me deram, vos servi como melhor soube, e poude, nos quaes, por minha ausencia, minhas terras passaram algum trabalho, minha fazenda grande perda, porém tudo hei por bem empregado pois redundou em vosso serviço e boa creação de vossa real pessoa. Agora pois Deus chegou a Vossa Alteza a tal edade com tal entendimento e saber que póde governar seus reinos ainda que foram muito maiores, lhe peço licença para ir prover em minhas cousas que de mim tem muita necessidade, e quando em casos graves que succederem fôr necessaria minha presença, mandando-me chamar achará que assim n'isso, como em tudo o mais sou o mais leal de todos vossos vassallos.

D'esta despedida do Infante D. Pedro, seu tio, teve El-Rei sumo gosto por ficar descarregado e livre do pejo que se lhe oppunha de o despedir pelo grande respeito que lhe tinha, e com sua real condição e animo compassivo lhe tomou algumas palavras de agradecimento e satisfações por o consolar, porque conheceu n'elle que vinha atormentado de profunda melancholia que não poude encobrir

como quiz, e lhe deu a licença que pedia mandando-lhe passar largas quitações de todo o tempo que governara o reino com grande approvação de seu governo.

O Infante tanto que se despediu d'El-Rei poz em ordem algumas cousas convenientes, e se partiu para Coimbra; e porque se receiara do Conde de Ourem, seu sobrinho, porque soube que tinha mais gente comsigo do que costumava ter de seu serviço, temendo-se d'elle por o ter já por inimigo descoberto, se quiz segurar para aquelle caminho, e mandou aprestar a gente de sua casa, e com outra que ajuntou foi até Thomar bem acompanhado para tudo o que succedesse, e tendo passado por aquella villa dando-se d'ahi em diante por seguro, despediu toda a que não era de sua casa e serviço, e chegado a Coimbra ahi esperou muitos infortunios que o seguiram, como se dirá.

CAPITULO III

Do que o Infante D. Affonso fez nas comarcas de Entre-Douro e Minho e Traz-os-Montes em odio do Infante D. Pedro

TANTO que o Infante D. Affonso, Duque de Bragança, soube que o Infante D. Pedro era despedido da côrte e estava em Coimbra, se partiu da villa de Chaves onde estava, com muita gente armada de seus vassallos e outros que vieram a seu chamado para esse effeito, e se foi á cidade do Porto, Guimarães, Vianna, e Ponte de Lima, e outros logares d'aquellas comarcas e tirou todos os alcaides dos castellos e fortalezas e outros cargos e officios de importancia que o Infante D. Pedro tinha provido sendo governador, e os lançou fóra d'essas terras com nota de desleaes e traidores, e as fortalezas deu a outros, e mandou vigiar os ditos castellos como se esperára alguma guerra e por todo o reino se fizeram outros similhantes apercebimentos, por ordem do mesmo Duque e de seu filho, o Conde de Ourem. As quaes novidades sabidas

pelo Infante D. Pedro as sentiu grandemente e se mandou queixar d'ellas a El-Rei por cartas e recados seus, encarecendo o grande sentimento que d'isso tinha.

Mas achou já El-Rei tão contrario a suas cousas, e lhe deu resposta tão resoluta e secca que o Infante temeu suas cousas conhecendo que cada dia iriam em peior.

Succedeu tambem que tanto que o Infante sahiu da côrte logo o Conde de Ourem se veiu a ella que ainda El-Rei estava em Santarem, e não tardou muito o Arcebispo de Lisboa que tambem era inimigo do Infante, que aconselharam a El-Rei que convinha para segurança de sua vida e pessoa despedir de seu serviço alguns officiaes e ministros de sua casa, camara e meza, pela suspeita que havia contra elles por serem affeiçoados ao Infante e os mais d'elles providos por elle nos cargos e officios, o que logo se poz em execução, provendo-se tambem de novo alguns cargos principaes da justiça e fazenda, e muitos d'elles se foram para o Infante D. Pedro, que o sentiu em extremo, porque com elles tinha satisfeito a muitos d'elles do que por elle haviam feito sobre as maiores duvidas do governo e em outras cousas e senão era tempo de os poder satisfazer por serem muitos e alguns d'elles pessoas de qualidade; a isto se ajuntou que tinham ficado em Castella alguns fidalgos que por serem da casa da Rainha se passaram com ella áquelles reinos, e não se tornaram a estes por se temerem do Infante D. Pedro; mas tanto que souberam que já não governava, e que El-Rei o tinha mandado recolher a suas terras, se vieram logo á côrte, os quaes foram grande parte de sua destruição, porque tanto

que chegavam a ella se vinham aos pés de El-Rei com grandes exclamações e lhe lembravam as perseguições com que d'elle fôra tratada a Rainha sua mãe, e a mizeria e desamparo com que morrera em Toledo e quão perseguida desde o dia que El-Rei seu pae, que estava em gloria, fallecera, affirmando-lhe por cousa infallivel que por sua ordem e do Condestavel D. Alvaro de Luna, seu grande amigo, lhe fôra dado veneno, e d'elle morrera tão apressadamente que nem logar lhe deram para saber que morria.

E tambem o notaram de desleal, e lhe requereram que não se fiasse d'elle, nem de todos aquelles que com elle tivessem alguma affeição, porque era certo que a Rainha sua mãe, que estava em gloria, teve certa informação de que o Infante D. Pedro tinha intento de lhe tirar a vida com outra similhante morte secreta para poder tyramnisar o reino, e se o não pozera em effeito não fôra por lhe faltar desejo e vontade, mas por não vêr nunca o reino em estado para poder sahir com sua pertensão pelas grandes pessoas que tinha contra si, e negociações da Rainha sua mãe, e principalmente pela muita resistencia que fizeram sempre o Infante D. Affonso, Duque de Bragança e seus filhos os Condes de Ourem e Arrayolos, com os fidalgos e prelados os quaes lhe serviram de freio, e impediram sua insaciavel ambição.

Soavam tanto estas exclamações nos ouvidos do moço Rei, que ainda que quizera o não podia esquecer porque cada dia vinham de novo á côrte muitos, assim dos que estavam em Castella, como outros que senão sahiram do reino, os quaes com similhantes lembranças refrescavam na mente d'El-Rei

aquellas cousas e outras com que procuravam chegar o Infante á ultima perdição, e não se enganaram porque se foi creando no intimo de El-Rei contra elle um desejo de o distruir, se não foram bastantes para o mudar d'esta determinação a intercessão da Rainha sua filha, e seus rogos, nem satisfações do Infante D. Henrique, e Conde de Arroyollos que queriam persuadir a El-Rei ser o Infante innocente das culpas que lhe punham, dizendo que posto que algumas sucedessem mal, não era elle o que tinha a culpa, senão os que aconselhavam a Rainha, o que não deviam, e fizeram dar occasião a todas inquietações e trabalhos, e que esses não foram tantos como lhe encareciam; e que todas as cousas que o Infante ordenara eram fundadas em um certo zêlo de seu serviço, do bem commum, e proveito de sua corôa e tudo fôra feito com o parecer dos mais Infantes e de todo o reino, e sem seu parecer não fizera cousa de importancia.

Estas satisfações que por suas cartas faziam não mudaram nada o animo de El-Rei por estar tão levado de sua paixão por tantas informações que tinha tomado do contrario, e as ter por certas. Não eram estas cousas occultas ao Infante D. Pedro, principalmente a indignação que El-Rei mostrava contra elle pelas cousas de sua mãe, que elle nunca cuidou que as tomasse tanto em grosso, mas enganou-se com pouco fundamento, porque necessariamente lhe havia de vir a noticia e bem entendeu agora que se lhe acrescentavam seus trabalhos.

CAPITULO IV

De como o Infante D. Henrique veiu á côrte interessar por seu irmão

Poucos dias depois do que fica dito, se partiu El-Rei de Santarem para Lisboa, indo em sua companhia o Conde de Ourem, seu primo, que sempre o acompanhou, depois do Infante D. Pedro se partir da côrte. Tanto que foi na cidade chegou a ella o Infante D. Henrique, porque no Algarve onde estava foi informado do máo estado em que estavam as cousas de seu irmão, por cuja causa sua vida e honra estava tão arriscada, e tanto que foi na côrte, e foi visitar a El-Rei, e por bom espaço esteve com elle trabalhando pelo persuadir a que tudo o que se dizia contra o Infante D. Pedro, porque dado caso que se sua parte houvesse alguma severidade, ou pequena culpa nas materias áa Rainha sua mãe, não era tal, nem de qualidade para que por essa razão merecesse tantos desfavores; e lhe pediu juntamente que não desse ouvidos a alguns

inimigos seus que de virtudes lhe queriam fazer culpas graves; nem tivesse por leaes os que affirmavam que com cubiça de reinar matara com peçonha El-Rei D. Duarte, e que o mesmo fizera ao Infante D. João, a qual culpa dizia fôra levantada pelo Arcebispo de Lisboa; e ainda que muitos esperaram que a chegada do Infante D. Henrique e sua agencia fosse parte pará melhorar as cousas do Infante D. Pedro, não foi assim, antes muito pelo contrario porque El-Rei estava tão resoluto e lhe mostrou suas culpas tanto ás claras, que lhe não deu logar para mais tratar de o desculpar, antes ficou algum tanto desabrido para o Infante D. Henrique, porque os creados da Rainha lhe tinham persuadido que o mesmo Infante fomentara as cousas do Infante D. Pedro e fóra muita parte na crueldade que com ella se usou, pois podera ir á mão ao Infante seu irmão, e que se elle se houvera como se houve o Duque de Bragança, nunca o governanador chegara com ella ao que chegou, porque ainda que lhe não podera atalhar todas as que com ella usou, impedira muita parte d'ellas como fez por algum tempo em que mostrou zêlo de justiça, mas que depois fôra quem mais ajudara a perseguil-a; pelo que El-Rei lhe não estava affeiçoado, d'onde o esquivou de algum modo por entender que o que lhe diziam tinha não pequeno fundamento.

Poucos dias tambem depois da chegada do Infante, chegou tambem o Conde de Abranches, Alvaro Vaz de Almada, grande amigo e parcial do Infante D. Pedro, e tão zeloso de seu serviço que se prezava de inimigo do Conde de Ourem, porque sabia que elle o era do Infante, o qual não foi recebido de El-Rei como esperava e cuidava mere-

cer, e posto que sentido de se lhe não fazer o recebimento que esperava, como era arrogante e demasiadamente atrevido, defendia em publico as cousas do Infante com demasiada soltura e palavras soberbas, engrandecendo sua fidelidade e afeando com demasiado atrevimento os que lhe queriam pôr nota de desleal. Como alguns da casa de El-Rei lhe aconselhassem que logo o mandasse fóra da côrte por insolente e revoltoso dando-lhe muita culpa nas desordens do Infante, tersou por elle o Infante D. Henrique por lhe parecer que sua presença seria de importancia para as cousas do Infante, e com esta imaginação encarecia sob grão modo os merecimentos de Alvaro Vaz dizendo a El-Rei por vezes que não sómente Portugal, mas toda Hespanha se devia ter por honrada em crear tal cavalleiro como aquelle por seus muitos e grandes feitos de que todo o mundo estava cheio.

Como El-Rei era affeiçoado a homens exforçados e bons cavalleiros e tinha por tal a Alvaro Vaz (ainda que esse nome senão deve dar a homens temerarios como elle era) lhe concedeu ouvil-o, o que tinha pedido por muitas vezes, e não o tinha alcançado por El-Rei ser informado que este Alvaro Vaz sollicitara e dera muito calor aos povos para tirarem o governo do reino a sua mãe, e fôra tambem muita parte nas muitas perseguições com que fôra tratada; mas tanto instou o Infante D. Henrique que houve de conceder-lh'o; e sendo-lhe dado dia certo, algumas pessoas lhe disseram que não fosse diante d'El-Rei porque o havia de mandar prender, mas elle com muita arrogancia pospondo todo o medo de temer, lhe respondeu que não podia ser preso, salvo se o prendessem por muitos ser-

viços que tinha feito a estes reinos, e por muito leal á corôa d'elles, mas que não era muito ser assim, pois ao Infante D. Pedro perseguiam pela mesma razão, mas que elle fiava de si que antes o haviam de vêr na sepultura que em prizão, e que ninguem houvesse dó d'elle perder a vida porque sua honrada morte o faria ficar vivo para sempre.

E apoz estas palavras disse outras conformes á sua presumpção e soberba, e finalmente na hora que havia de ir ante El-Rei se armou de fortes armas secretas, debaixo dos vestidos, e sendo El Rei presente, e com elle muitos prelados e fidalgos, e assim o Infante D. Henrique, fez uma pratica onde primeiramente tratou de como lhe fôra denunciada sua prizão, a qual não receara por haver mais razão de se lhe fazer mercês que similhantes injustiças, depois com muita confiança se metteu em tratar das cousas do Infante D. Pedro e suas, encarecendo em extremo a lealdade de cada um d'elles, e concluiu dizendo que qualquer pessoa ou pessoas que do contrario tinham informado a El-Rei eram falsos e desleaes, e que o faziam falsamente e por odio que lhe tinham, e sobre isso combateria com tres juntos em campo aberto até morrer sobre essa verdade, mas que confiava que sua muita justiça e seu braço lhe fariam a victoria certa, dizendo por fim de sua pratica que El-Rei tinha obrigação de fazer muitas mercês ao Infante D. Pedro e de castigar gravemente todos os que punham nota em sua lealdade.

Mostrou El-Rei ouvil-o sem paixão, mas não fizeram n'elle effeito algum suas palavras; e ao outro dia se partiu para Cintra sem dar ao Infante D. Henrique esperança alguma boa de que podesse to-

mar confiança dos requerimentos que trazia sobre a segurança das cousas de seu irmão. Pelo que o Infante se partiu para Coimbra com pouca alegria, e com elle o conde de Abranches a dar-lhe conta do que passava, com a qual vista elle e os que o acompanhavam se alegraram muito pela grande estimação em que de todos era tido e pelo tempo em que se achavam; e sendo chegados mandou o Infante D. Pedro avisar alguns fidalgos do estado de sua devoção que se viessem vêr com elle, e vindos lhe deu conta dos aggravos que tinha recebidos de El-Rei e do Duque de Bragança e do Conde de Ourem e que remedio teriam para se poderem valer e defender d'elles; e posto que n'isso gastaram alguns dias em tomar e dar pareceres não assentaram em cousa alguma.

CAPITULO V

De como El-Rei mandou restituir os criados da Rainha e os mais que foram privados por sua causa

Tanto que El-Rei foi em Cintra, mandou avizar a todos os fidalgos de estado e qualidade que sabia serem affeiçoados ao Infante D. Pedro, que com pena de caso maior o não visitassem nem communicassem com elle por escripto, nem por outra alguma via; e mandou mais pôr edictos pablicos em muitas partes do reino que todos os creados da Rainha sua mãe, e outras quaesquer pessoas que por seu respeito foram privados de alguns bens, rendas, officios e outras cousas, parecessem para serem restituidos, e sendo mortos parecessem seus herdeiros, a qual restituição mandava se lhe fizesse inteiramente com todos os interesses e perdas, e para juiz d'esta restituição elegeu a Lopo de Almeida, fidalgo mui principal que tambem era tido por homem de muita inteireza e grande prudencia, ao qual mandou que summariamente com muita bre-

vidade os ouvisse, e mandasse restituir de tal modo que em nada ficassem damnificados. E elle o fez mui pontualmente e com muita rectitude com todas as rendas, fructos e interesses como lhe fôra mandado; e como os taes bens e officios haviam sido providos em pessoas de facção e obrigação do Infante D. Pedro, se foram a elle com grandes queixas dizendo que lhe fizeram restituir muito mais do que lhe fôra tomado, e lhe tomavam suas proprias fazendas por interesse e rendas, e que ficavam perdidos e destuidos, e que Lopo de Almeida por comprazer a El-Rei fizera muitas injustiças.

As quaes cousas serviam ao Infante D. Pedro de crueis estimulos que o atormentavam; nem lhe bastou o soffrimento para levar esta paixão e outra maior que lhe causou uma notificação que lhe chegou mandada fazer por El-Rei que continha que o havia por desterrado de sua côrte e mandava que com pena de ser tido por desleal e rebelde não entrasse n'ella, nem sahisse de suas terras. Com que ficou mui atalhado, porque tinha determinado parecer diante de El-Rei a queixar-se das cousas que se ordenavam contra elle; e alguns fidalgos que com elle estavam ficaram atemorizados, e se despediram d'elle temendo a indignação d'El-Rei, mas não todos que alguns o não desampararam nunca, assim da parte d'elle, como d'elles houve grandes queixas publicando que seus inimigos lhe procuravam aquelle desterro e ausencia porque sabiam que se o Infante fôsse á côrte desfazia todas aquellas culpas que lhe punham. E tomando novo conselho com o Infante D. Henrique, mandou a Gonçalo Gomes de Valladares, do habito de S. Bento por ser homem eloquente e bem entendido, dar descarga das culpas

que lhe impunham, o qual propoz diante d'El-Rei seus recados e embaixada por razão de cartas de crença que apresentou. Mas posto que foi ouvido e andou na côrte muitos dias esperando resposta, lhe não foi dada outra mais que dizer El-Rei que elle mandaria avizar o Infante do que cumpria a seu serviço (o que parecia corresponder com as respostas que n'outro tempo o Infante dava aos negocios da Rainha), pelo que Gonçalo Gomes depois de muitos dias de requerimentos sem outra resposta, se tornou para os Infantes que ficaram mui confusos e desanimados, e foi causa de alguns fidalgos se irem pouco e pouco despedindo do Infante temendo sua destruição.

E o Infante D. Henrique foi para a Villa de Soure e D. Pedro para Montemór-o-Velho que são logares visinhos, e cada dia se podiam communicar; e ao tempo que se despediram vendo o Infante D. Henrique a seu irmão inquieto e vacillante, lhe disse e encommendou que tivesse paciencia, que não havia outro remedio para o tempo em que estava e que pozesse tudo nas mãos de Deus; no que elle não podia vir, nem tinha soffrimento para isso, antes despendeu muitas palavras a modo de queixas e ameaças contra o Duque D. Affonso seu irmão e contra o Conde de Ourem e algumas alcançavam a El-Rei.

CAPITULO VI

De uma concordia que El-Rei ordenou entre o Infante D. Pedro e o Duque de Bragança, que se não guardou

Era notorio a El-Rei D. Affonso que entre o Duque de Bragança seu tio, e o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, havia grandes odios e inimizades, cujo principio era antigo, e a principal fôra sobre a Rainha sua mãe, a que o Infante D. Affonso sempre favorecera e servira; pelo que mandou a Montemór tanto que o Infante foi n'elle, a D. Fernando, chamado o Cegonho, fidalgo dos principaes de seu serviço, e com elle Ruy Galvão, seu secretario, com uma instrucção e modo de concordia por escripto, assignada por elle e com seu sêlo real, em a qual mandava que sem réplica fossem amigos, com certas declarações e instrucções expressas na dita instrucção, que El-Rei ordenara e queria que ambos guardassem, e a notificaram por seu real mandado, que assignasse n'ella e pozesse á parte direita da de El-Rei e que d'ahi haviam de ir

a Bragança para que assignasse da outra parte o Infante D. Affonso para que El-Rei ficasse entre elles por firmeza da paz e amizade que mandava fazer entre elles.

O Infante D. Pedro posto que se quizera escusar com dizer que o modo de paz e concordia palavras e capitulos d'ella offendiam sua honra e desfaziam em sua pessoa, que assignaria como El-Rei lhe mandava por evitar sua indignação, por ser avisado e aconselhado por D. Fernando e pelo secretario que lhe não convinha fazer outra cousa, finalmente assignou dizendo que bem sabia que a concordia não podia durar; e no mesmo tempo que El-Rei lhe mandou fazer esta notificação mandou tambem cartas pelos logares principaes do reino e a muitos fidalgos e senhores de terras com apercebimentos de guerra, para que todos fossem prestes quando tivessem recado seu, por ter ordenado que se o Infante D. Pedro não quizesse obedecer e assignar como lhe mandava, o ir logo cercar a Montemór ou a Coimbra, e como rebelde o destruir.

Não eram bem tornados á côrte D. Fernando e o secretario, quando El-Rei mandou a Diogo da Silveira, filho de Nuno Martins da Silveira, que era novamente provido por elle no corpo de escrivão da puridade que seu pae tivera no tempo d'El-Rei D. Duarte, e da Rainha D. Leonor e o Infante lh'o tinha tirado no tempo que governou; pelo qual mandou El-Rei estranhar ao Infante e reprehender o ajuntamento de gente e armas que fazia em seus castellos sem ordem sua, notificando-lhe que o havia por claros indicios de rebellião e desobediencia; e posto que o Infante mostrou a Diogo da Silveira os castellos de Montemór e Coimbra e lhe quiz persuadir que era

falso dizer-se que elle os tinha fortificados com gente e armas, e o mais necessario, com tudo a informação que Diogo da Silveira deu foi mui differente do que o Infante lhe quiz persuadir. E tanto que Diogo da Silveira tornou á côrte e deu esta informação a El-Rei com toda a declaração do que vira, logo El-Rei tirou o castello de Lisboa e alcaidasia-mór d'elle ao Conde de Abranches, ao qual o Infante a tinha dado quando a tirou a D. Affonso, senhor de Cascaes. E tirou tambem El-Rei o cargo de regedor da justiça a Ayres Gomes da Silva; e a Luiz de Azevedo o de vereador da fazenda que tambem fôra provido pelo infante D. Pedro quando os tirara áquelles que àntes os tinham, por serem affeiçoados á Rainha; os quaes El-Rei tornou aos que foram privados d'elles ou a seus successores.

CAPITULO VII

De como El-Rei tirou a dignidade de Condestavel a D. Pedro, filho do Infante, e lhe mandou tornar as armas ao almazem de Lisboa que d'elle tinha tiradas.

Ao tempo que o Condestavel D. Pedro passou a Castella com a gente de soccorro que levou ao Condestavel D. Alvaro de Luna, levou do almazem de Lisboa todas as melhores armas que n'elle estavam do tempo d'El-Rei D. João I e de outros reis antecessores, e ao tempo que se tornou com sua gente para o reino se veiu a Coimbra a onde despediu sua gente e ahi ficaram todas as armas, que foram recolhidas no Castello d'aquella cidade, e nunca mais o Infante as tornou ao almazem, o que em muitos criou ruim suspeita e diziam que de industria fizera por alli a volta para ficar em poder de seu pae por elle assim o ordenar; e agora tanto que Diogo da Silveira tornou a Lisboa ante tudo privou da dignidade de Condestavel a D. Pedro, filho do Infante D. Pedro, e a deu ao Infante D. Fernando, seu irmão, sem embargo que o Conde de

Ourem a pertendia como atraz fica dito, ainda que não fez muita força por ser dada ao Infante D. Fernando, a que era muito affeiçoado, e porque tambem ficavam os descendentes do grão Condestavel seu avô, por ser o Infante D. Fernando casado com a Infanta D. Brites, filha do Infante D. João, segunda neta do mesmo Condestavel.

Foi esta uma das cousas que mais sentiu o Infante D. Pedro; mas não tardou muito outra que lhe não custou menos paixão, que foi uma notificação que El-Rei lhe mandou fazer que logo tornasse as armas ao almazem de Lisboa com uma reprehensão de não as haver tornado. Da qual tornada se excusou a este, e segundo e terceiro recado que de El-Rei teve; pelo que vendo sua dureza lhe mandou notificar que logo as entregasse sem replica alguma com expresso mandado que quando não as desse procederia contra elle como rebelde e desleal; a que respondeu que lh'as não podia, nem devia dar em tal tempo, nem elle as havia mister, pois não tinha guerras, e seus vassalos estavam mui quietos, nem menos as tinha com os estranhos, porque elle emquanto governara tivera o reino obediente e uma paz perpetua, pelo que de prezente não tinha necessidade de armas, e a elle lhe eram necessarias por ter grandes inimigos, e lhe pedia muito que pois as armas de sua innocencia não eram bastantes para o deffender d'elles, nem elle o queria deffender, antes com seu poder o perseguiam; lhe deixasse aquellas de ferro para sua defeza, pois tão combatido era d'elles, e que estava em tempo de lhe não serem pouco necessarias, e não só aquellas, mas outras muitas lhe devera dar que isso, e muito mais mereciam seus serviços, e que quando de todo em todo

quizesse embicar com elle em similhantes cousas lhe desse tempo para mandar vir de fóra do reino outras tantas e melhores que ellas, ou quando se avaliassem, e o preço lhe pagaria logo, mas que em resolução as não havia de entregar de outro modo.

Com esta resoluta e desobediente resposta do Infante ficou El-Rei mais indignado, e foi uma das principaes razões da aspera resolução que tomou contra elle.

Estava n'este tempo em Ceuta o Conde de Arrayollos, onde El-Rei o tinha mandado pelo perigo que aquella cidade tinha por razão do cerco que se esperava que El-Rei de Fez lhe havia de pôr; e sabendo lá do perigo em que estavam as cousas do Infante D. Pedro seu tio, a quem sempre foi muito affeiçoado, se partiu para estes reinos deixando Africa a bom recado, por vêr se podia pôr paz entre elle e seu pae, e irmão, e tersar por elle com El-Rei para que o não tratasse com tanto rigor. E tanto que chegou á côrte se metteu de permeio; mas estava o odio tão endurecido entre elles que não houve modo algum de concordia e menos pôde mitigar a ira de El-Rei que não admittiu desculpa, nem quiz tornar atraz em cousa alguma das que tinha ordenadas contra elle; e como via que n'aquellas materias El-Rei o ouviu com pouco gosto, e sua estada na côrte não era de effeito, e juntamente se temia que El-Rei de Fez se aprestava para pôr o cerco á cidade de Ceuta, deu volta a Africa, com muita brevidade, por lhe ser então encarregada a segurança d'aquellas fronteiras, e não tornou mais a este reino até depois da morte do Infante D. Pedro.

Não foi só o Conde de Arrayollos o que intercedeu pelo Infante, mas tambem outros principes e alguns prelados, e sobretudo a Rainha D. Isabel, mulher d'El-Rei D. João de Castella, filha do Infante D. João, e neta do Infante D. Affonso I, Duque de Bragança; e os quizeram concertar por entenderem que na concordia de ambos os Infantes estava a salvação do Infante D. Pedro; e o mesmo procuraram com o Conde de Ourem, porque só elles podiam mitigar em algum modo a dureza de El-Rei contra elle; mas estava o odio tão reconcentrado nos animos de cada um d'elles que não foi possivel concordal-os, e assim não houve esperança de El-Rei cessar com suas asperezas, e ainda que alguns dessem a culpa ao Duque e ao Conde seu filho, dizendo que, o Duque com continuas cartas que escrevia a El-Rei seu sobrinho, e o Conde de Ourem com sua presença não davam lugar a que os que entercediam fossem bem ouvidos; mas quem seguia a verdade desinteressadamente, e via as obras do Infante julgava serem dignas do rigor com que El-Rei o tratava.

Vendo-se pois o Infante tão opprimido e cercado de continuos temores que lhe nasciam das muitas cousas que cada dia se ordenavam contra elle, escreveu uma carta a El-Rei, que lhe foi dada por seu confessor mui humilde, e com grande submissão pedindo misericordia, e que por indozimento de seus inimigos o não tratasse com tanto rigor, e houvesse por bem apartal-os de seus ouvidos, e mandasse que se sahissem da côrte como mandara a elle, por que sendo elles fóra de sua presença, não teria seus mandados por tão graves e pesados como então lhe pareciam, e os cumpriria sem escanda-

lo, nem replica, e a tudo o que dispozesse e lhe mandasse lhe obedeceria com todo o amor e lealdade como sempre fizera, e lhe pedia que se lembrasse da grande perfeição com que o criara e o acatamento e vontade com que o servira, e o pouco que em sua casa e fazenda acrescentara, e que para mais confirmação e certeza de sua lealdade e amor que lhe tinha, considerasse que lhe dera por mulher sua filha que tanto amava, de que bem claro se conhecia que lhe quizera conservar a vida, e não tirar-lh'a como alguns inimigos seus lhe faziam crêr, e se conhecia tambem d'ahi que quizera n'elle e na Rainha sua filha perpetuar sua real geração; e que nas cousas da Rainha elle não era culpado porque Deus e o mundo sabiam muito bem que ella não quizera nunca seguir o que era razão, nem aquietar-se no reino; e tambem era bem sabido quanto desejara servil-a, mas que seus conselheiros lhe fizeram fazer contra elle e contra o reino alguns excessos, por razão dos quaes ficou muito odiada n'elle, de tal maneira que não queriam seus vassallos vêl-a dentro n'elle de nenhum modo.

Com esta carta parou El-Rei por alguns dias nos procedimentos contra elle, mas não de maneira que de todo perdesse a vontade de chegar com elle ao fim por razão da grande indignação que tinha creado em seu peito a perseguição de sua mãe e a contumacia do Infante, mas pouco tempo depois d'esta carta se deram outras a El-Rei do mesmo Infante, mui differentes, em que fallava com alguma soltura e resolução, e algum tanto livres e descompostas, as quaes diziam seus affeiçoados que eram falsas e escriptas por seus inimigos; e no mesmo tempo foram algumas ao Infante da mão de El-Rei bran-

das e benignas, em que o avisava que se reportasse e obedecesse a seus mandados; e outras escriptas pelos secretarios e ministros do conselho com mais aspereza, de que era causa de que ao que El-Rei escrevia de sua mão eram precedidas de sua real clemencia, e as que sahiam do conselho escriptas pelos secretarios, eram de rigor e de justiça e a estas respondia o Infante com mais resolução e inteireza.

CAPITULO VIII

De como El-Rei mandou vir á côrte seu tio o Infante D. Affonso, Duque de Bragança

PARTIU El-Rei D. Affonso de Cintra para Lisboa no 1.º do mez de outubro de 1448, e tanto que foi n'aquella real cidade, reconhecendo como o Duque D. Affonso, seu tio, sempre favorecera e servira a Rainha sua mãe, e todas suas cousas, e ainda depois da sua morte recolhera muitos creados seus e a todos os que se vieram a elle amparara, se lhe conhecia por mui obrigado (porque foi cousa em que muito se esmerou, favorecer e premiar todos os que por respeito de sua mãe foram perseguidos os levantou e fez muitas mercês, e pelo contrario aos que deram ajuda ou favor para ser perseguida os desfavoreceu e a muitos que foram culpados castigou rigorosamente) mas tornando ao que tratavamos, vendo juntamente que o Duque D. Affonso era pessoa de grande prudencia, conselho e auctoridade, e elle como moço não estava muito pratico nas materias

do governo, e achava que lhe fazia grande falta, determinou mandal-o vir á côrte e tel-o em sua companhia para o descarregar do trabalho de assistir sempre nos concelhos, e sobre sua vinda lhe escreveu e mandou um fidalgo de sua casa em que lhe mandou encarecer a muita obrigação que lhe tinha, e o grão desejo de o vêr, pedindo-lhe com muita brevidade se viesse para elle. E sabendo o Conde de Ourem, seu filho, como El-Rei o mandava vir, lhe pediu por cartas suas que em todo o modo viesse, porque era de muita importancia sua vinda, e tambem lhe lembrou e advertiu que viesse bem acompanhado, porque havia necessariamente de passar por terras do Infante D. Pedro, seu capital e descoberto inimigo, não recebesse ao passar alguma força ou aggravo.

O Duque obedecendo aos mandados de El-Rei se poz logo em ordem apercebendo-se de gente e armas, e ajuntou de sua casa e de seus vassallos e fidalgos que se lhe offereceram para o acompanhar n'aquella jornada, confiados que os favoreceria em suas pertensões que tinham com El-Rei, com os quaes ajuntou 1.700 homens de cavallo, e de pé mais de 2.000, e com esta gente posto em ordem de paz, em caminho, com proposito de passar pelas terras do Infante D. Pedro, que era commum, por onde se ia para a cidade de Lisboa, onde El-Rei estava.

CAPITULO IX

De como o Infante D. Pedro tratou de impedir o caminho ao Duque seu irmão, e do que sobre isso ordenou

SENDO avizado o Infante D. Pedro da vinda do Duque seu irmão para a côrte, e do modo e gentes com que vinha, havendo-o por menoscabo da sua honra e abatimento de sua pessoa passar-lhe por suas terras com tal acompanhamento, tratou de lhe impedir o passo; e antes de determinar o que faria, quiz saber a ajuda e favor que teria nos fidalgos de sua devoção, para que os mandou com brevidade avisar para se virem vêr com elle; e juntos alguns d'elles, que sómente foram os agravados d'El-Rei por serem privados de alguns cargos e officios, e com elles os de sua casa, aos quaes juntos deu conta de como o Duque seu irmão vinha com determinação de passar por suas terras com grande poder de gente armada em ordem de guerra, pelo que lhe pedia lhe aconselhassem o que faria, e o que mais convinha a sua honra, se devia

Ourem a pertendia como atraz fica dito, ainda que não fez muita força por ser dada ao Infante D. Fernando, a que era muito affeiçoado, e porque tambem ficavam os descendentes do grão Condestavel seu avô, por ser o Infante D. Fernando casado com a Infanta D. Brites, filha do Infante D. João, segunda neta do mesmo Condestavel.

Foi esta uma das cousas que mais sentiu o Infante D. Pedro; mas não tardou muito outra que lhe não custou menos paixão, que foi uma notificação que El-Rei lhe mandou fazer que logo tornasse as armas ao almazem de Lisboa com uma reprehensão de não as haver tornado. Da qual tornada se excusou a este, e segundo e terceiro recado que de El-Rei teve; pelo que vendo sua dureza lhe mandou notificar que logo as entregasse sem replica alguma com expresso mandado que quando não as desse procederia contra elle como rebelde e desleal; a que respondeu que lh'as não podia, nem devia dar em tal tempo, nem elle as havia mister, pois não tinha guerras, e seus vassalos estavam mui quietos, nem menos as tinha com os estranhos, porque elle emquanto governara tivera o reino obediente e uma paz perpetua, pelo que de prezente não tinha necessidade de armas, e a elle lhe eram necessarias por ter grandes inimigos, e lhe pedia muito que pois as armas de sua innocencia não eram bastantes para o deffender d'elles, nem elle o queria deffender, antes com seu poder o perseguiam; lhe deixasse aquellas de ferro para sua defeza, pois tão combatido era d'elles, e que estava em tempo de lhe não serem pouco necessarias, e não só aquellas, mas outras muitas lhe devera dar que isso, e muito mais mereciam seus serviços, e que quando de todo em todo

quizesse embicar com elle em similhantes cousas lhe desse tempo para mandar vir de fóra do reino outras tantas e melhores que ellas, ou quando se avaliassem, e o preço lhe pagaria logo, mas que em resolução as não havia de entregar de outro modo.

Com esta resoluta e desobediente resposta do Infante ficou El-Rei mais indignado, e foi uma das principaes razões da aspera resolução que tomou contra elle.

Estava n'este tempo em Ceuta o Conde de Arrayollos, onde El-Rei o tinha mandado pelo perigo que aquella cidade tinha por razão do cerco que se esperava que El-Rei de Fez lhe havia de pôr; e sabendo lá do perigo em que estavam as cousas do Infante D. Pedro seu tio, a quem sempre foi muito affeiçoado, se partiu para estes reinos deixando Africa a bom recado, por vêr se podia pôr paz entre elle e seu pae, e irmão, e tersar por elle com El-Rei para que o não tratasse com tanto rigor. E tanto que chegou á côrte se metteu de permeio; mas estava o odio tão endurecido entre elles que não houve modo algum de concordia e menos pôde mitigar a ira de El-Rei que não admittiu desculpa, nem quiz tornar atraz em cousa alguma das que tinha ordenadas contra elle; e como via que n'aquellas materias El-Rei o ouviu com pouco gosto, e sua estada na côrte não era de effeito, e juntamente se temia que El-Rei de Fez se aprestava para pôr o cerco á cidade de Ceuta, deu volta a Africa, com muita brevidade, por lhe ser então encarregada a segurança d'aquellas fronteiras, e não tornou mais a este reino até depois da morte do Infante D. Pedro.

Não foi só o Conde de Arrayollos o que intercedeu pelo Infante, mas tambem outros principes e alguns prelados, e sobretudo a Rainha D. Isabel, mulher d'El-Rei D. João de Castella, filha do Infante D. João, e neta do Infante D. Affonso I, Duque de Bragança; e os quizeram concertar por entenderem que na concordia de ambos os Infantes estava a salvação do Infante D. Pedro; e o mesmo procuraram com o Conde de Ourem, porque só elles podiam mitigar em algum modo a dureza de El-Rei contra elle; mas estava o odio tão reconcentrado nos animos de cada um d'elles que não foi possivel concordal-os, e assim não houve esperança de El-Rei cessar com suas asperezas, e ainda que alguns dessem a culpa ao Duque e ao Conde seu filho, dizendo que, o Duque com continuas cartas que escrevia a El-Rei seu sobrinho, e o Conde de Ourem com sua presença não davam lugar a que os que entercediam fossem bem ouvidos; mas quem seguia a verdade desinteressadamente, e via as obras do Infante julgava serem dignas do rigor com que El-Rei o tratava.

Vendo-se pois o Infante tão opprimido e cercado de continuos temores que lhe nasciam das muitas cousas que cada dia se ordenavam contra elle, escreveu uma carta a El-Rei, que lhe foi dada por seu confessor mui humilde, e com grande submissão pedindo misericordia, e que por indozimento de seus inimigos o não tratasse com tanto rigor, e houvesse por bem apartal-os de seus ouvidos, e mandasse que se sahissem da côrte como mandara a elle, por que sendo elles fóra de sua presença, não teria seus mandados por tão graves e pesados como então lhe pareciam, e os cumpriria sem escanda-

lo, nem replica, e a tudo o que dispozesse e lhe mandasse lhe obedeceria com todo o amor e lealdade como sempre fizera, e lhe pedia que se lembrasse da grande perfeição com que o criara e o acatamento e vontade com que o servira, e o pouco que em sua casa e fazenda acrescentara, e que para mais confirmação e certeza de sua lealdade e amor que lhe tinha, considerasse que lhe dera por mulher sua filha que tanto amava, de que bem claro se conhecia que lhe quizera conservar a vida, e não tirar-lh'a como alguns inimigos seus lhe faziam crêr, e se conhecia tambem d'ahi que quizera n'elle e na Rainha sua filha perpetuar sua real geração; e que nas cousas da Rainha elle não era culpado porque Deus e o mundo sabiam muito bem que ella não quizera nunca seguir o que era razão, nem aquietar-se no reino; e tambem era bem sabido quanto desejara servil-a, mas que seus conselheiros lhe fizeram fazer contra elle e contra o reino alguns excessos, por razão dos quaes ficou muito odiada n'elle, de tal maneira que não queriam seus vassallos vêl-a dentro n'elle de nenhum modo.

Com esta carta parou El-Rei por alguns dias nos procedimentos contra elle, mas não de maneira que de todo perdesse a vontade de chegar com elle ao fim por razão da grande indignação que tinha creado em seu peito a perseguição de sua mãe e a contumacia do Infante, mas pouco tempo depois d'esta carta se deram outras a El-Rei do mesmo Infante, mui differentes, em que fallava com alguma soltura e resolução, e algum tanto livres e descompostas, as quaes diziam seus affeiçoados que eram falsas e escriptas por seus inimigos; e no mesmo tempo foram algumas ao Infante da mão de El-Rei bran-

CAPITULO X

Das embaixadas que houve entre o Infante D. Pedro e o Duque seu irmão, sobre passar por suas terras

O Infante D. Pedro antes de romper com o Duque seu irmão, quiz tentar se podia acabar com elle que mudasse seu caminho por atalhar os males que d'ahi podiam resultar, ainda que muitos dos que com elle se acharam eram de contrario parecer, aos quaes elle aquietou com lhe dizer que os queria guardar para outras occasiões de mais honra e proveito.

Logo antes de o Duque seu irmão passar o Mondego ordenou mandar-lhe sua embaixada com pensamento que ainda que se não acabasse com elle mudar o caminho, pelo menos lhe serviria de saber sua determinação; para o que despachou Vasco de Souza, fidalgo de sua casa, instruido de sua embaixada com sua carta de crença, o qual foi com a brevidade que lhe foi encarregada, apresentando ante o Duque a carta que elle mandou lêr perante

muitos fidalgos de sua casa, e outros de sua companhia, e lida, mandou a Vasco da Silveira, dissesse a que vinha, o qual propoz sua embaixada n'esta fórma:

Senhor: o Infante meu Senhor sabe da vinda de V. Alteza, e d'esta ordem de exercito com que vem com tantas gentes armadas, e é certificado que assim quer passar por suas terras contra sua vontade, de que é muito maravilhado, assim por querer passar com exercito formado com tantas gentes de guerra, sem necessidade que no reino haja d'ellas, como tambem por lh'o não fazer a saber primeiro para que elle soubesse como o havia de receber, porque havendo de ser como irmão e amigo, que é o que quer e deseja, lhe pede que seja pacificamente, sem estrondo, como sempre passou, porque sendo assim o receberá em suas terras com a vontade com que sempre o recebeu; mas que se com este desacostumado estrondo, de guerra e armas, quizer passar adiante, porquanto elle o ha por menoscabo de sua honra, e tanto contra observação das amizades que entre elle eram feitas por ordem e mandado d'El-Rei seu senhor, lhe será contado a grande covardia consentil-o; e assim mandou avisar e advertir a V. Alteza que o ha de receber no campo como inimigo; pelo que por escusar os males que se pódem seguir, lhe pede tome outro caminho, pois sem nenhuma quebra de sua honra o póde fazer.

Ouvida sua embaixada, o Infante Duque o despediu, dizendo que elle respoderia a seu Senhor, e com esta resposta tornou Vasco de Souza ao Infante D. Pedro; e tendo-o despedido despachou com sua embaixada e carta de crença a Martim Affonso de Souza, fidalgo de sua casa, de solar bem antigo,

com a resposta da embaixada que recebera, o qual sendo em presença do Infante D. Pedro, em presença dos principaes de sua companhia, lhe deu sua embaixada, que tambem se poz pelas mesmas palavras:

Senhor: o Duque meu Senhor faz a saber a V. Alteza em resposta da embaixada que ora recebeu, que elle teve sempre a V. Alteza por amigo e irmão, e que agora por esse o tem com o mesmo amor e vontade, e que por obedecer ao que El-Rei seu Senhor lhe manda, vae para a sua côrte caminho direito, e que a gente que leva não é para guerra como lhe fazem vêr, mas é a de sua casa e a que costuma acompanhar, e alguns fidalgos que vão á mesma côrte a seus negocios em sua companhia para melhor commodidade sua, e que não vê como possa ser quebra de V. Alteza, nem dar-lhe escandalo haver de tocar suas terras, nem acha que de nenhum modo possa offender sua honra e auctoridade, nem elle ha de consentir se faça aggravo ou sem razão alguma a vassallo, e sómente pediram os mantimentos e cousas que lhe foram necessarias, por seu dinheiro, como V. Alteza fará passando por suas terras quando por ellas quizer passar, que por tanto determina seguir seu caminho sem se desviar, e lhe pede haja assim por bem, e que se com tudo lh'o quizer impedir, que será contra toda razão, e a V. Alteza ficará o cargo de todo o mal que succeder.

Acabada sua embaixada o Infante D. Pedro lhe respondeu: Martim Affonso, dizei ao Duque que me não tenha por tão nescio que com essas dissimulações me deixo enganar e anniquilar minha honra tanto ás claras, que tempo ha que nos conhecemos,

e que por muitas vezes passou por minhas terras, e sei bem a gente com que costuma acompanhar, e que sei que leva agora dois mil homens de cavallo armados, ou muito perto d'elles, com outra muita gente de pé, toda apercebida para peleja e que não responde com a amizade que diz que quer comigo, e menos aos tempos passados, e ao que por elle tenho feito, e lhe não quero declarar mais o porque assim vem, pois elle o sabe e quer, e eu entendo, e tambem entende o abatimento que n'isso recebo, e em resolução lhe dizei que se não toma outro algum modo de passar com que seja notorio que passa como irmão e amigo, que vivo o não hei-de consentir.

Com esta resposta tornou Martim Affonso ao Duque, que não esperava d'elle menos, porque estava informado de sua determinação, e de que ajuntava armas e gente com todas as valias que podia para lhe impedir o passo.

CAPITULO XI

Das preparações do Infante D. Pedro para impedir o passo ao Duque

VENDO o Infante D. Pedro que conforme a determinação do Duque seu irmão e sua, se não podia entre elles escusar o encontro e batalha; com a brevidade possivel fez todos os apercebimentos de gente e armas, e algumas peças de artilheria, para o ir logo esperar ao caminho antes que entrasse em suas terras, de que sendo avisado o Conde de Ourem que assistia na Côrte, pela pouca confiança que tinha em muitos fidalgos que vinham com o Duque seu pae, que eram de Traz-os-Montes e Entre Douro e Minho, que o acompanhavam n'aquella jornada, e temendo que na maior affronta o desamparassem, deu conta ao Infante D. Fernando, a quem tambem não pareciam bem as cousas do Infante D. Pedro e lhe não tinha boa vontade pelo que sabia que usara com sua mãe, e pelo mais que n'elle tinha visto, e tendo junta-

mente as cousas do Duque proprias suas como avô que era da Infanta sua mulher, e como tal o nomeava por inimigo da casa real, pelo que ambos trataram de escrever a alguns fidalgos mais principaes que vinham na companhia do Duque, que como leaes o acompanhassem e servissem com toda a fidelidade, esforço e constancia, e lhe não fizessem falta, e o não deixassem em tempo de tanta necessidade, e fossem certos que vinha chamado por El-Rei, e assim os avizavam da parte do mesmo senhor, e não sómente deu o Infante estas cartas mas tambem se offereceu ao Conde de Ourem para ir em sua companhia em ajuda do Duque seu pae, e mandaram com estas cartas Alvaro de Faria, que depois foi Commendador do Casal, mas sua ida não teve bom effeito, porque não pôde dar as cartas aos fidalgos por ser tomado pelos descobridores e vigias do Infante D. Pedro, e sendo-lhe levado as abriu e o fez tornar para Santarem onde El-Rei estava, despojado do cavallo e do mais que levava; o qual deu conta ao Infante D. Fernando e ao Conde de Ourem do que passava, e de como o Infante D. Pedro dizendo-lhe que as cartas eram suas as abrira e lhe mandara tomar as armas e cavallo, e dissera muitas palavras arrogantes e de ameaça contra o Infante, e algumas contra El-Rei e contra o Conde de Ourem; e logo o Infante e o Conde levaram Alvaro de Faria perante El-Rei, e lhe recontou tudo o que lhe tinha dito que o Infante D. Pedro dissera e fizera, de que El-Rei se sentiu muito, e o mandou riscar de seus livros com todos os assentamentos que tinha de suas rendas, e aos almoxarifes e officiaes da fazenda que lhe não corressem mais com elles d'ahi em diante; e assim mandou ao Infante

D. Fernando seu irmão, e ao Conde de Ourem que não fizessem movimento algum, e que deixassem tudo a sua conta e com muita brevidade avizou por carta sua ao Infante D. Pedro por João Pires de Carvalho, cavalleiro principal de sua casa, e deffendeu com muita resolução e grandes avisos que não impedisse o caminho ao Duque seu tio, e o deixasse livremente passar que assim era servido; e sendo-lhe dado o recado por João Pires o recebeu com mostras de grande paixão e maior indignação, soltando palavras mal compostas, de que João Pires se tornou escandalisado, e firmou com grandes juramentos que publicamente lhe dissera o Infante D. Pedro que não era vassallo d'El-Rei de Portugal, mas subdito e servidor e amigo d'El-Rei de Castella, e que assim como podera desterrar d'estes reinos a Rainha D. Leonor, mãe d'El-Rei, o poderia fazer a seus filhos, e a outros inimigos que o perseguiam e o determinavam deshonrar e destruir; as quaes palavras mandou tomar por actos publicos, e por cartas suas mandou d'isso avisar as cidades e villas do reino para que a todos fosse notorio como o Infante se negava de seu vassallo e era rebelde a sua real corôa; ainda que os affeiçoados ao Infante o desculpavam dizendo que as palavras que dissera que foram com paixão de se vêr perseguido, e que não foram feias nem tão asperas como João Pires de Carvalho as fazia.

CAPITULO XII

De como o Infante D. Henrique largou de todo ao Infante D. Pedro

CANSADO já o Infante D. Henrique de persuadir e avizar a seu irmão que desistisse de seu errado intento, quiz ainda tentar se poderia mudar sua dureza por lhe não ficar modo por fazer, pelo que lhe mandou a D. João, Bispo de Ceuta, homem de grandes letras e prudencia, a lhe persuadir que era errado seu proposito, o qual escolheu para esse effeito por ser homem de que se podia esperar e confiar, o que de outros muitos não; e sendo com o Infante D. Pedro, depois de dizer a que vinha e por cujo mandado lhe fez uma breve pratica ou oração, em a qual lhe provou com auctoridades e catholicas razões que não podia, nem devia tratar de impedir a passagem do Duque seu irmão, e com muito maior razão tendo-lhe El-Rei assim mandado o não fizesse, concluindo-lhe que o contrario arguia desobediencia notoria e

grande rebellião, e não pequenas mostras de deslealdade de que o queria notar e que já d'ahi por diante parecia não suspeita, mas descoberta, e por mais que trabalhou com elle o não pôde mudar de seu proposito, respondendo com outras razões de estado e de honra, por razão das quaes queria mostrar que não desfaziam em sua lealdade, pondo por razão principal que a vinda do Duque não tirava a outro intento mais que a deshonral-o e aniquilal-o, que se elle quizera passar como irmão e amigo, como muitas vezes passara, o recebera como tal, mas que d'outro modo tinha determinado de o não consentir, como por Vasco de Souza o mandara avizar, e que d'esta determinação não havia de haver mudança alguma, que já estava apparelhado para tudo o que viesse.

Vendo o Bispo D. João a dureza e contumacia do Infante, espantado de o vêr tão precipitado e incapaz de bom conselho, se tornou para o Infante D. Henrique, que, ouvida a resposta de seu irmão, o deu por acabado; e, supposto que por vezes lhe tinha mandado dizer que se iria vêr com elle em Penella, o não quiz fazer por não cahir em desgraça d'El-Rei, como já por todo o reino se suspeitava, porque o caminho que seu irmão levava dava indicios do que d'elle se podia esperar, e se partiu logo para Santarem, onde El-Rei estava. O que, sabido pelo Infante D. Pedro, o sentiu muito, por não ter outra pessoa da casa real que o favorecesse, ou de quem se valler.

E no principio do mez de Abril de 1449, tempo em que estas cousas passavam, veiu de mandado d'El-Rei á mesma villa de Penella, Fernão Gonçalves de Miranda, fidalgo illustre, com uma instrucção

cuja determinação era estranhar El-Rei muito ao Infante suas rebelliões e isenções, em especial os ajuntamentos de gente e armas contra a prohibição que lhe tinha feito, e mandado notificar, e sem obedecer a seus mandados querer impedir o passo ao Duque seu tio, mandando-lhe que logo despedisse a gente que tinha junta e se recolhesse a Coimbra e não sahisse d'ella sem seu especial mandado, e que nem por si, nem por outra pessoa, impedisse o passo ao Duque, por qualquer parte que elle quizesse passar, assim de maneira que ia, com aviso que se assim o não fizesse procederia logo contra elle com o rigor que tão grande rebellião merecia, sem se lhe acceitar desculpa ou razão alguma.

A esta embaixada respondeu o Infante (posto que Fernão Gonçalves lhe disse que El-Rei lhe mandara que não esperasse nem tomasse resposta), com muitas justificações e submissões, dizendo que pois El-Rei o mandava recolher, e despedir a gente e queria que elle o fizesse tanto contra sua honra, que o mesmo devia mandar tambem ao Duque, pois era injusto que permittisse a um o que negava a outro, e que pois Sua Alteza não tinha necessidade de gente de armas, mandasse que, se o Duque queria passar por suas terras, o fizesse quietamente, sem estrondo de armas e gente de guerra, levasse mui embora comsigo a gente de sua casa com que costumava acompanhar-se em tempo pacifico, e sendo assim o não teria por quebra, nem abatimento, e faria em audacia fazer ao Duque seu irmão todo o serviço e bom recolhimento como por muitas vezes tinha avizado ao mesmo Duque, mas que de outro modo, recebendo tamanha deshonra-

o não havia por serviço de S. Alteza, pela muita razão que com seu real sangue tinha.

Tanto que Fernão Gonçalves foi em Santarem, deu a El-Rei a resposta do Infante, que a sentiu no extremo, como mostrou por palavras e obras, dizendo que já o Infante D. Pedro descobria claramente o animo que sempre tivera de não conhecer rei nem senhor, mas que elle lh'o faria conhecer.

Mandou logo ajuntar todos os do conselho, e fidalgos principaes que se acharam na côrte, para tratar com elles do modo com que se havia de haver para castigar tal desacato e rebellião, chamando-o de desleal e rebelde a seus mandados, mostrando porém grande pezar de elle lhe dar tanta razão de indignação que lhe não dava logar de poder dissimular; e porque alguns dias se tratou o caso no conselho até se dar a determinação que adiante se verá.

CAPITULO XIII

De como o Infante D. Pedro poz sua gente em ordem, e da falla que lhe fez

PELAS vigias que o Infante D. Pedro tinha postas em alguns logares soube que o Duque não deixava de proseguir seu caminho para passar por suas terras; pelo que logo ordenou sua partida contra elle, e tomou conselho com os seus onde, e como o esperaria; e alguns aconselhavam que para sua justificação o devia deixar entrar em suas terras; a que respondeu o Infante e com elle Alvaro Vaz, Conde de Abranches, que por aquella vez o Duque não pisaria parte alguma da terra que elle possuia que houvera d'El-Rei D. João seu pae, que fóra d'ella o havia de ir esperar; e com muita brevidade se partiu com sua gente em ordem para a Louzã, e d'ahi caminhou para uma aldeia chamada Villarinho, onde soube que o Duque tinha chegado a Laxes, couto do Bispo de Coimbra. E tanto que foi em Villarinho fez a sua gente em dois batalhões,

o primeiro da vanguarda deu ao Conde Alvaro Vaz de Almada em companhia de D. Jayme seu filho, e o da retaguarda tomou para si, em que iam os mais dos fidalgos que com elle se achavam; e é bem de notar que de todos os que com elle iam, sabendo as penas e prohibições que El-Rei tinha mandado publicar contra elles, nenhum o largou, nem quiz obedecer, antes não faltaram alguns que depois de publicadas se foram para elle, tendo mais respeito ás promessas que lhe fazia, que a lealdade devida, e serviço de seu rei e senhor.

Tanto que ordenou sua gente se poz em caminho em demanda do Duque, que começando a marchar lhe foi dada uma carta sem firma, em que lhe advertiam que logo movesse o campo contra o Duque porque elle o não havia de esperar, a qual se entendeu ser feita por ordem do Conde de Abranches por se mostrar n'aquella occasião e dizer que isso era ordem do Duque, e traça sua para o tomar em alguma cilada d'onde se não podesse valer por causa da estreiteza do passo onde com a pressa e esperança da victoria ficasse vencido, que bem cria que sendo filho de seu pae, e tendo d'elle herdado o valor de que no mundo houve tanta fama, e indo com tanta e tal gente não havia de fazer pé atraz, e que antes se offereceria á morte que cahir em tal fraqueza tão contraria a sua honra e opinião; e estando já com sua gente posta em ordem para partir em demanda do Duque a lhe dar batalha, a cavallo como estava fez uma pratica a sua gente n'esta fórma dizendo: Que se alegrava summamente do esforço, animo e constancia que em todos via e conhecia para defender sua honra, e bem claro via que todos lhe eram leaes amigos, o que não era

sem justa causa e razão, porque a todos podia contar por filhos e irmãos, pois eram os mais seus creados e filhos de outros que o foram, e os que não eram tão intimos e leaes amigos, que sabia que por sua honra perderiam as vidas; e depois de lhe encarecer sua fidelidade, lhe contou particularmente todos seus aggravos, desfavores, e sem razões, dizendo que o Duque e o Conde de Ourem seu filho, eram a causa d'elles, o Duque com continuos avisos e cartas que a El-Rei escrevia, e o Conde pelos conselhos e admoestações que pessoalmente lhe dava cada dia e cousas que lhe fazia crêr d'elle, por cuja vingança eram ahi vindos, e que de nenhum modo se imaginasse que n'isso entrava odio ou má vontade contra El-Rei seu senhor, porque elle como muito leal vassallo o conhecia por seu legitimo senhor e successor d'estes reinos, e que Deus era boa testemunha que elle o amava sobre todas as cousas do mundo, e que na creação que em sua real pessoa fizera, e na paz e governo de seus reinos, que dez annos que os governara, o mostrara bem, que quem sem paixão o quizesse olhar acharia d'isso prova certissima, e o de que se queixava é porque padecia, não procedia da natural inclinação d'El-Rei, mas de sua pouca edade, por razão da qual não podia perfeitamente ter conhecimento das cousas, e como seus inimigos maquinavam contra elle, e lhe impunham o que queriam e notavam de desleal e traidor, faziam crêr a El-Rei que elle o era, e que a cousa porque seus inimigos o perseguiam não era por lhe ter dado pouco do patrimonio real, porque elle os tinha mui accrescentados, o que não fizera com os seus proprios, mas porque lhe não dera tudo, em especial porque não dera ao Duque a ci-

dade do Porto e villa de Guimarães que lhe pedira, e ao conde de Ourem a dignidade de Condestavel, e que o accrescentamento que em suas cousas fizera não fôra outro mais que de muito amor, e lealdade com El-Rei alcançar aquelles desfavores, e que em verdadeiro desejo de o servir não dava vantagem ao mais leal do mundo, e que bem sabido estava que da corôa de Portugal estava ainda a primeira mercê por receber, não tratando do que El-Rei seu pae lhe dera, e porque seus inimigos sabiam que seu conselho e inteireza na presença de El-Rei lhe seria freio contra suas colicas, trabalhavam pelo apartar d'elle e do amor e confiança que lhe conheciam; e que finalmente a vinda do Duque por suas terras com tantas gentes armadas e tão grande estrondo, não era com zêlo do serviço d'El-Rei, mas afim de o affrontar ou por lhe dar occasião a El-Rei para mais se indignar contra elle para o destruir, porque se consentisse passar d'aquelle modo sem fazer resistencia, seria grande fraqueza sua com nota de sua honra, o que para elle seria de grandissima pena, e para o Duque de grande gloria, e se lhe impedisse o caminho seria imputado a desobediencia e rebellião contra El-Rei e lhe ficaria occasião para lhe persuadir, e aconselhar sua total destruição, e que tivessem por certo que esta era a tenção do Duque, porém que já tinha dito e tornava a confirmar, que como filho de seu pae não havia de soffrer tão grande deshonra, e que tanto animo teria para morrer sobre isso acompanhado de um só pagem, como n'aquella hora de tantos amigos e cavalleiros vencer e viver como esperava e tinha por certo, o que tambem conhecia, que era escusado, para os confirmar, lembrar-lhe os heroicos feitos de seus pas-

sados, pois via quão promptos e determinados estavam para justa vingança de suas injurias, e para vencer ou morrer sobre isso, antes se o caso viesse a rompimento como já não havia que duvidar, lhe pedia não mostrassem crueldade contra os vencidos porque até vencer e render o inimigo era esforço, mas d'ahi por diante se podia chamar crueldade.

Acabada sua pratica, levantando os olhos ao céo com muitas lagrimas, pediu perdão a Deus de seus peccados com palavras de muita devoção e se encommendou a Elle, e mandou que todos se apercebessem para ir tomar o Duque na entrada de suas terras, e, pondo seu campo em ordem, começou a marchar com todo o concerto do modo que tinha ordenado, com animo de que tanto que chegasse o Duque lhe apresentar batalha e o obrigar a pelejar.

CAPITULO XIV

Do modo que se houve o Duque, e da falla que fez aos seus

O INFANTE Duque continuou seu caminho até duas legoas da Louzã, crendo que o Infante seu irmão se não atreveria a resistir-lhe, nem moveria seu campo de Penella para ir em sua demanda, tanto por não desobedecer aos mandados d'El-Rei, que sabia lhe haviam sido notificados, quanto por a pouca gente que tinha comsigo, mas como por suas espias soube que vinha até Serpins, que era uma legoa do logar d'onde estava, e que vinha com determinação de dar batalha, posto em grande confuzão, mandou logo fazer alto e tomar uns cabeços e fortifical-os, ordenando suas atalaias e vigias em logares convenientes, e postas as seguranças necessarias, mandou ajuntar os fidalgos e pessoas mais qualificadás, assim creadas em sua casa, como outras que o não eram, e juntas lhe fez uma pratica n'estas palavras:

Bem sabeis, honrados amigos e companheiros, como somos tão perto do Infante D. Pedro, e já deveis ser sabedores da determinação com que vem de nos dar batalha, sobre nos impedir o caminho e passagem, pois nos vem a buscar com apparato de gente e armas, antes que entremos em suas terras; portanto quero que todos me deis vosso parecer sobre qual será melhor, se esperarmos por elle n'este logar onde estamos, ou irmos a buscal-o dentro de suas terras, e se tambem vos parece, por evitar tantas mortes, como se esperam d'este encontro, seguirmos outro caminho, vós me aconselhae o que melhor e mais acertado vos parecer, porque no estado em que estamos não ha mais que estes dois meios.

Esta pratica assim tão breve, e como está ouvida, lhe fez o Duque, por conhecer o animo de cada um d'elles e saber se estavam dispostos e determinados a offerecer por elle as vidas, ou se o deixariam no maior perigo, porque não tinha muita confiança em alguns d'elles; e começando alguns a dar seus votos, foram mui diversos, de que o Duque se desenganou de sua suspeita, e alcançou de suas respostas que muitos não tinham animo de pelejar, e temeu que o desamparassem antes da peleja, pela frialdade de suas respostas.

Mas não se conheceu esta falta em Alvaro Pires de Tavora, cavalleiro muito illustre de grande casa, e dos melhores de seu tempo, senhor de muitos vassallos, que vinha acompanhando o Duque com mais de vinte de cavallo seus, afóra alguns fidalgos seus parentes que vinham na mesma companhia, o qual lhe offereceu sua vida, e como tão grande pessoa respondeu contra a frieza

de outros e fez uma pratica ao Duque n'esta fórma e palavras:

A mim, Senhor, me parece que para quem V. A. é e para a determinação com que partiu e gente que leva comsigo, será cousa de grande vituperio tornar um só passo atraz, porque ainda que como christão e para com Deus por escusar mortes e outros males, o mundo lhe não ha de acceitar essa desculpa, mas ha de tel-o por grande fraqueza e covardia, pois são tão descobertos inimigos e todas mais dissimulações e palavras com que querem fingir o contrario são escusadas, e alliança e amizade que El-Rei fez entre muitos, sabemos que nunca se cumpriu nem teve effeito, como depois as obras lhe mostraram, e posto que esta ida seja por mandado d'El-Rei, não tem o Infante seu irmão tão pouco saber que, vendo o que entre ambos tem passado, e o modo de que imos, não entenda que é para o abater e aniquilar, e como principe tão animoso e pontual o ha de deffender até sobre isso perder a vida e mil vidas, se tantas tivera; por tanto o meu parecer é que o que elle quer fazer em o vir a buscar, o façamos nós em o ir a buscar, ganhando-lhe de mão, e o tomemos dentro em seu estado podendo ser, e nos entreguemos á ventura que nos vier, e posto que haja alguns que não são d'este parecer, nem tenham os animos promptos e aparelhados para pelejar como devem e tem de obrigação, aqui estou eu e muitos parentes meus com nossa gente prestes para perdermos a vida em seu serviço, e V. Alteza leva de seus amigos, vassallos e creados mil e quinhentos cavalleiros, com animo de morrerem todos por seu serviço; pelo que, conforme ao que tenho dito de meu parecer, sem ne-

nhuma detença deviamos seguir nosso caminho e dar-lhe batalha se nos esperar.

Este parecer teve o Duque por melhor e mais honrado e determinava seguil-o; e sendo certo que o Infante seu irmão tinha ordenado de o esperar no estremo de suas terras, para lhe impedir a entrada n'ellas, e d'ahi lhe dar batalha, antes de mover seu campo quiz dar uma vista ao dos inimigos e vêr sua disposição e concerto, para que, vendo-o, determinasse o que melhor lhe parecesse; o que assim levando diante suas espias e descobridores e vendo, o que sem perigo pôde fazer, se tornou aos seus, aos quaes fez uma segunda pratica n'esta maneira:

Honrados cavalleiros, amigos e leaes vassallos, bem sabeis que sou até vindo por mandado d'El-Rei meu senhor, caminhando para sua côrte pela estrada publica, sem aggravar ninguem, como bem tendes visto; e tambem sabeis que o Infante D. Pedro contra seu serviço e mandado vem com muita gente de guerra, com proposito de m'o impedir com mão armada e porque, por muitas razões que tambem sabeis, estou determinado a seguir meu caminho, vos encommendo por serviço d'El-Rei meu senhor, e pelo que toca a minha honra em tudo o que se offerecer vós vos oppunhais como bons e leaes portuguezes, como eu de vós espero, e deveis ter a victoria por muito certa e sem perigo, porque a gente do Infante D. Pedro é pouca, em comparação da nossa, e vem já cortada de medo, mais constrangida de vergonha que por vontade, porque, além de conhecer que nos são inferiores no numero e esforço, temem a destruição de suas casas e descendencias, pela grande deslealdade que commettem em não

obedecerem a seu Rei, e cumprirem seus mandados, pelo que havei por sem duvida que em nos vendo com o medo ficarão rendidos, e eu vos peço que vos não encarniceis em seu sangue, que por fim são christãos vassallos de vosso Rei, e entre elles ha muitos parentes e devidos vossos, e por virem enganados e levados de promessas que se lhe não hão de cumprir, se podem chamar innocentes. Ainda que temo que esta temperança não quererá ter a gente do Infante D. Fernando meu sobrinho, nem a de meu filho o Conde de Ourem, que já em nossa ajuda estarão perto e na hora de romper serão comnosco, que por ventura da destruição e mortes d'estes não quererão ter esta temperança e moderação, porque a indignação que contra elles trazem os desculpa por serem todos desleaes e desobedientes a seu Rei; e perdoe Deus ao Infante D. Pedro, pois tanto contra o que deve á sua honra e a quem é, põe em tal perigo sua pessoa e os que o seguem, e o trabalho que por mim tomardes sempre o conhecerei e lembrarei a El-Rei meu senhor, e a obrigação em que por isso vos está que por minha intercessão vos satisfará com honras e mercês como a leaes vassallos, e eu metterei sempre em todas as occasiões de vossa honra em que vos não farei nunca falta.

Acabada esta pratica do Duque, como sua tenção fosse notar os animos dos que o acompanhavam, alcançou a pouca confiança que d'elles podia fazer, que foi causa de ficar indeterminado.

CAPITULO XV

De como El-Rei mandou ao Duque D. Affonso que não chegasse a rompimento com o Infante D. Pedro; e do que ambos ordenaram

ESTANDO o Duque na confusão sobredita pela desconfiança que teve de muitos de sua companhia, chegou a seus alojamentos João Pires de Carvalho, com uma carta da letra do mesmo Rei D. Affonso, em que lhe mandava expressamente que não pelejasse com o Infante D. Pedro, e com muita brevidade se fosse a Santarem tomando outro caminho, porque assim compria o seu serviço, e que a emenda e satisfação de assim o fazer deixasse a elle com a execução do castigo de quem não queria obedecer a seus mandados.

Tambem lhe trouxe João Pires cartas do Infante D. Fernando e do Conde de Ourem em que o avisavam que não haviam de ser com elle como lhe tinham escripto, por El-Rei assim lh'o ter mandado, e porque assim convinha que fosse por honra da corôa de Portugal e principes d'elle.

Tanto que o Duque recebeu estas cartas e mandados, determinou como bom vassallo obedecer e fazer o que El-Rei lhe mandava, e encommendado pelo Infante D. Fernando e pelo Conde de Ourem, seu filho, de que deu conta a Alvaro Pires de Tavora e alguns fidalgos em que tinha mais confiança.

O Infante D. Pedro que estava em Serpins soube como o Duque seu irmão viera dar vista a seu arraial, e soube tambem que fizera pratica aos seus esforçando-os para a batalha, e que muitos não achara firmes, e pelo que sabia de alguns que se lhe tinham passado, e por espias que trazia no arraial do Duque, que se lhe haviam de passar outros muitos, se deixou estar com os seus sem fazer mudança alguma, mais que mandar alguns de cavallo repartidos em quadrilhas, a modo de descobridores, para que recebessem e amparassem os que se passassem, estando a este tempo em campo do outro cousa de meia legua.

Cansado já o Conde de Abranches d'estas detenças, se sahiu com um esquadrão de cavallos ligeiros de seu arraial, contra o do Duque, com animo de, vendo occasião, fazer o damno que podesse em alguns desmandados, e por vêr a boa ordem que havia no arraial deu logo volta ao Infante a dar-lhe conta do que vira, dizendo que vinha muito alegre de vêr seus inimigos, dos quaes lhe promettiam dar n'aquelle dia mui inteira vingança, que lhe aconselhava e pedia que a não dilatasse e fosse logo a dar n'elles, porque via grande confusão e tristeza que n'elles conhecera, vira certos signaes de facilmente serem vencidos, que não perdesse tão boa occasião como a ventura lhe offerecia, que porventura não teria em sua vida outra, e tivesse por certo que se

alargava a vida a tão grande inimigo como era o Duque, elle lhe havia de ordenar a morte pela via que podesse, que era acertado ganhar-lhe por mão e que tivesse por sem duvida segundo se alcançava sua tenção, era seguir o caminho que levava, porque ou havia de tomar outro, ou dar volta atraz. Ao que o Infante respondeu quê elle conhecia bem ao Duque, e conhecia que tinha por sem duvida que não havia de degenerar de quem era, e mais vindo acompanhado de tantos fidalgos como com elle vinham, nem havia de tomar nenhum d'aquelles desvios como tão contrarios á sua honra e opinião, que o conhecia por de animo tão altivo que como se determinara a passar por suas terras e para isso se aprestara, sem falta havia de experimentar sua fortuna, se lhe não fosse impedimento a desconfiança dos que o acompanhavam, e que cada um d'elles sahiria como Deus ordenasse, e que repousassem e dessem logar aos inimigos para fazerem o mesmo, porque segundo tinha sabido esperava se lhe haviam de passar muitos dos do Duque, e que com sua ajuda lhes ficava a victoria mais segura, e que por essa razão se apparelhassem com duzentos de cavallo para os recolher e segurar, e para esse effeito desse vista ao arraial do inimigo, porque com isso daria animo aos que se quizessem passar, e os fosse recolhendo, porque sendo assim, poderia ser escusarem a batalha, que era o que elle estimara e desejara muito, que sendo assim ficaria quieto e sem alguma quebra em sua honra.

E dado que o Conde de Abranches reprovou muito este conselho, se seguiu, porque assim lh'o aconselhavam os mais e melhores do campo.

CAPITULO XVI

De como o Infante D. Affonso tomou outro caminho e por elle se veiu á côrte

Era em sexta-feira antes de dia de Ramos do anno de 1449, quando o Duque, que tinha ordenado seu caminho pela maneira que El-Rei tinha mandado, ainda que estimulado da honra tornára offerecer-se aventura porque temia que não haviam de faltar muitos que lhe julgassem a fraqueza, se não temera os mesmos de que ia acompanhado, e essa desconfiança o fez seguir a determinação que tinha tomado, posto que para os divertir de lh'a alcançarem, lhe fez uma pratica, em que lhe disse como era chegado o tempo em que deviam mostrar para quanto eram e a lealdade que n'elles havia, pois aquella havia de ser a primeira batalha que haviam de dar em serviço de seu Rei, que sem pejo lhe dissessem se porventura por alguma razão os movia a outra cousa e lh'o declarassem que lhe proveria o que lhe convinha fazer.

Bem viu o Duque no fim da sua pratica que, dado que Alvaro Pires de Távora e outros fidalgos se mostravam firmes em seu serviço e mostravam que morreriam por elle com mais fidalgos de sua casa e muitos de seus vassallos; em outros não achou aquella determinação e animo, e lhe pareceu que ainda o haviam de fazer peior do que mostravam, porque conheceu quanto lhe importava seguir o conselho que tomava, em pôr-se em salvo sem esperar que o Infante o viesse a buscar, e já se não havia por seguro tendo similhante gente comsigo; e não querendo dar volta atraz determinou tomar outro caminho, de que avisou aquelles que conhecia por leaes, e dos em que conheceu o contrario não fez caso, determinando deixal-os nos seus alojamentos como lhe mereciam em pena de sua pouca lealdade, e aos leaes avizou que em sendo noute fossem poucos e poucos por differentes caminhos a um certo logar esperar por elle; e com uma hora de noute com poucos em companhia se foi ajuntar com elles e tanto que chegou a ligeira atravessou a Serra da Estrella, que lhe ficava á mão esquerda; e porque as noutes eram ainda frias e a terra tinha muitas neves, tiveram grande trabalho na passagem d'ella.

A mais gente que ficou no arraial de que se não fiou nem lhe deu conta, em que havia muitos fidalgos e alguns d'elles mui principaes, ficaram muito alcançados e sentidos, porque entenderam que o Duque se não fiara d'elles, e por esta razão os deixara, dos quaes uns se foram ao arraial do Infante D. Pedro, e outros em seguimento do Duque, como melhor poderam; e houve em sua partida mui grande desordem, uns tomaram o caminho por onde

elle ia, outros passaram pela serra do Boco e foram sahir da outra parte a Covilhã, e na passagem tiveram grande trabalho com os crueis frios, e n'essa noute se perderam e pereceram alguns cavallos e azemolas, com muita bagagem e cargas que levavam para a côrte. E em cima da serra onde se chama Albergaria, se acharam algumas pessoas mortas de frio, com que foram castigados por sua pouca fidelidade.

E depois o sentiram todos porque El-Rei se houve por mal servido d'elles, e na materia de suas pertensões e requerimentos não foram ouvidos, e lhe fôra melhor não sahirem de suas casas; o que foi muito pelo contrario nos que foram leaes ao Duque e mostraram sempre os animos apparelhados a seu serviço, porque a todos fez El-Rei muitas mercês.

No arraial do Infante D. Pedro não se soube da partida do Duque senão á meia noute, quando a elle chegaram alguns dos que ficaram no seu arraial, e juntamente os descobridores deram recado da desordem que n'elle ia a tempo que o Duque ia d'ahi tres legoas ou quatro, mas não se soube o caminho certo que levava senão em amanhecendo; e quando o Infante o soube mostrou receber d'isso grande contentamento; mas, pelo contrario, os seus muita paixão, por se ir o Duque sem irem com elle á batalha, e muitos pediam licença ao Infante para irem em seu seguimento, e o que mais insistiu n'isso foi o Conde de Abranches, fazendo grandes feros e fazendo-se muito sentido de o não irem buscar ao seu arraial, e destruir e matar ou perderem todos sobre isso as vidas.

O qual ainda commetteu ao Infante que lhe desse duzentos ou trezentos de cavallo que elle iria em

seu seguimento, promettendo que o que não fizeram todos juntos, com aquelles poucos o acabaria, o que o Infante lhe não concedeu, porque o tinha por precipitado e temerario, dizendo que não queria n'aquella occasião aventural-os, que os queria poupar para occasiões que dizia ser de muita importancia, palavras de que muitas vezes usava, que, como fossem palavras que pareciam prenhes, muitos as tomavam como lhe parecia, e El-rei D. Affonso as não julgava bem. E tanto que se recolheu a Coimbra, despediu a gente que chamara de seus vassallos, lembrando-lhe que estivessem prestes, porque os havia de haver mister muito cedo, agradecendo-lhe muito a lealdade que dizia terem, e com que accudiram a seu chamado, fazendo-lhe grandes promessas e agradecimentos, advertindo-os que estivessem prestes, porque entendia que mui cedo os haveria mister, que tanto que tivessem recado seu, logo accudissem. E, despedidos estes, se ficou com os mais fidalgos, de quem se entendia valer e ajudar, porque estes não largava nunca.

CAPITULO XVII

De como o Infante D. Affonso chegou á côrte, e de como El-Rei ordenou ir contra o Infante D. Pedro

O Duque tanto que passou a serra se deteve dois dias para recolher a gente que o seguia, que pela incommodidade da serra se não podia ajuntar mais depressa, e passados elles seguiu seu caminho para a côrte que ainda estava em Santarem, e tanto que El-Rei soube sua vinda, e o que passára em seu caminho, o mandou esperar por toda a côrte, e n'ella foi recebido como em triumpho, porque quiz santar-lhe a quebra que por seu mandado teve em se desviar do Infante D. Pedro; e o recebeu com grandes mostras de amor e agradecimento, dizendo-lhe que não tivesse paixão, que o aggravo a elle mesmo fôra feito, e por proprio seu o tomava, que lhe não lembrasse d'ahi em diante, e a emenda deixasse a sua conta, mandando-lhe que fosse descançar por ser tarde, e que logo ao dia seguinte se viesse para elle para tratarem da

emenda, e assim se fez; posto que era segunda feira da semana santa, mandou El-Rei ajuntar os fidalgos e prelados que se acharam na côrte, mandando tambem recado ao Duque seu tio, e a seu primo o Conde de Ourem.

Não foi presente o Conde de Arroyllos porque estava em Ceuta, por lhe ser encarregada aquella fronteira e conquista; e sabendo o Infante D. Henrique d'este ajuntamento e do que se havia de tratar n'elle, se quiz tambem achar presente sem ser chamado, para vêr se podia escusar a seu irmão os trabalhos que via o estavam ameaçando.

E sendo juntos em conselho, fez El-Rei uma breve pratica em que propoz as muitas causas e razões que havia contra o Infante D. Pedro, pelas quaes o tinha por rebelde e desleal a sua real corôa, e como tal tinha determinado proceder contra elle com todo o rigor que houvesse logar, e castigal-o como mereciam suas culpas, que os mandara ajuntar para lhe dar a melhor ordem que podesse ser para se pôr em execução sua determinação.

Não deixava de haver alguns no conselho a que doiam seus trabalhos, e de boa vontade accudiram por elle; mas vendo a resolução d'El-Rei e a auctoridade do Duque, se não atreveram a tersar por elle, antes o Duque, e o Conde seu filho e o Arcebispo de Lisboa e outras pessoas qualificadas, approvaram a determinação d'El-Rei, dizendo que não sómente era necessario, mas preciso quebrantar a soberba do Infante, que não desse El-Rei logar a que sua brandura fosse causa de passar a outras rebelliões de mais prejuizo para seu reino e corôa, porque bem mostrava animo de querer reinar quem não conhecia Rei nem senhor, como tinha mostrado

em muitas occasiões, lhe fôra por muitas vezes ouvido; porque diziam, não eram para dissimular, nem consentia dillação, quanto mais além d'esta culpa outras muitas tinha commettidas porque merecia gravemente castigado, como fôra a perseguição da Rainha, mãe de seu Rei e senhor; e que tambem se havia de ponderar o que se presumia levar do castello de Lisboa as armas que os Reis seus antecessores tinham n'elle ajuntadas e encerral-as no castello de Coimbra sem as querer tornar, sendo-lhe mandado por muitas vezes que as tornasse; que finalmente estavam suas dissimulações descobertas e suas traças bem conhecidas, que se com muita brevidade El-Rei o não acabava, que elle poria o reino em alguma grande oppressão. Ao que se oppoz logo o Infante dizendo que não consentiria, nem havia de soffrer, dizer-se que, algum dos filhos d'El-Rei D. João seu pae e senhor era desleal, nem o podia ser, que posto que no Infante D. Pedro houvesse algumas desobediencias causadas da paixão que n'elle criavam os desfavores que com elle se tinham usado, que não eram de qualidade para que d'ellas se podesse tomar suspeita de deslealdade, nem que se presumisse d'elle animo de mais que de sentir-se dos desfavores que se lhe faziam.

Com esta intercessão do Infante D. Henrique se animaram outros dos que estavam no conselho, e eram seus affeiçoados, a interceder por elle, e dizer que suas culpas não eram tão feias que merecessem chegal-o ao ultimo, e que devia ser ouvido e novamente admoestado, e quando então não quizesse obedecer, então se trataria como se haviam de haver com elle.

O mesmo pedia por elle o Infante D. Henrique,

mas contra elle se oppoz o Duque de Bragança e Conde de Ourem a quem seguiam muitos fidalgos e prelados que com claras razões mostraram que as cousas do Infante D. Pedro e sua rebellião e deslealdade estavam tão patentes, que se não podia negar, mas nem ainda admittir desculpa.

Ouviu El-Rei por algum tempo suas altercações, e ouvidas declarou sua vontade e determinação ser quebrantar sua soberba, e fazer-lhe conhecer que tinha El-Rei e senhor, como já tinha dito que se escusassem descargas e desculpas, d'onde as não havia, nem podia haver, que sómente os chamara e mandara vir para se dar ordem ao como se haviam de haver na execução de sua determinação.

E vendo o Infante D. Henrique o estado em que estavam os negocios de seu irmão e que não valiam já descargas nem intercessões, e que sua vinda ao conselho não era de proveito, antes seria de indignar mais El-Rei, não tornou mais a elle; e não tiveram razão alguns que injustamente o calumniaram que o desamparara, e que se elle o deffendera, não tiveram suas cousas tão dura determinação, nem elle e sua casa e descendencia tiveram tão miseravel fim, porque emquanto pôde o deffendeu, até conhecer claramente que El-Rei o ouvia mal e com notavel paixão; e finalmente no fim de tres ou quatro juntas que houve se assentou que o Infante fosse havido por rebelde, desleal e inimigo da corôa real e principes d'ella, e por tal foi nomeado e declarado pela bocca do mesmo Rei, e como tal se procedesse contra elle com todo o rigor que sua rebellião e deslealdade merecia, apontando-se as razões porque era havido por tal, que foram a primeira e mais principal a perseguição da Rainha e

sua morte dada com veneno; a segunda querer fazer guerra ao Duque e não querer obedecer aos mandados e prohibição d'El-Rei, que sobre isso lhe foram notificados; a terceira não querer conhecer El-Rei por seu senhor como em diversas occasiões o tinha declarado, negando-se de seu vassallo; a quarta por levar as armas de Lisboa e as não querer tornar, sendo-lhe por vezes mandado, com que dava certos indicios de pertender tyrannisar o reino.

Além d'estas razões que foram as principaes se apontaram outras de menor qualidade, e não foram pouca parte para se dar assim esta conclusão tão aspera contra elle, as queixas dos Infantes D. Fernando e D. Leonor, e os mais irmãos, que por diversas vezes pediam justiça d'elle, lembrando-o a El-Rei por momentos, e, encarecendo-lhe suas perseguições e a miseria a que chegara a Rainha sua mãe, e que não fôra satisfeito com ellas; mas ainda em Castella onde se recolhera lhe fôra tirar a vida, ajudando-se para o pôr em effeito de outra crueldade, conforme a sua, como era a do condestavel D. Alvaro de Luna, seu grande amigo.

Tanto que esta determinação foi dada, mandou El-Rei fazer gente com muita brevidade, por todo o reino, e por cartas particulares mandou avizar muitos fidalgos, e as cidades e villas do reino, como queria fazer guerra ao Infante por estar rebelde e levantado, e pelas mais razões acima, avizando-os que se viessem a Santarem com a maior brevidade que fosse possivel com toda a gente de armas que podessem, como bons vassallos, para o pôr em effeito.

CAPITULO XVIII

Dos preparamentos que El-Rei mandou fazer contra o Infante

Tão determinado estava El-Rei a acabar de todo as cousas do Infante D. Pedro, que por todas as vias tratou sua destruição, e logo mandou pôr editos por muitas partes do reino de perdão geral para todos os culpados de quaesquer delictos, posto que graves, que andassem ausentes fóra de seus reinos ou dentro n'elles, que n'aquella guerra o viessem servir; e assim mandou pôr editos contra todos os que estavam em Coimbra com o Infante, que dentro de tres dias se partissem d'elle e o deixassem, sob pena de traidores.

A mesma pena se promulgou contra os que de novo se fossem para elle, ou de qualquer modo tratassem de o ajudar, e d'estes editos mandou fossem levados porque os que estavam não podessem pertender ignorancia, e n'ella foram entregues a notarios publicos para por elles serem fixados; a qual

publicação não quiz o Infante consentir que se fizesse, e sendo levado perante elle Lourenço Abul, que por mandado d'El-Rei os levou áquella cidade, o Infante lhe mandou que os não publicasse, e se tornasse logo a El-Rei e lhe dissesse que elle tomava aquelles editos, e por seu serviço e honra os não deixava publicar, porque elle era um dos braços mais fortes que havia n'estes reinos para os ajudar a manter e deffender em justiça, e que appelava d'aquelles procedimentos de sua ira, para sua clemencia mais verdadeiramente instruida.

E com esta resposta o despediu, tomando os despachos e papeis que quiz publicar; mas como bom ministro, indo-se sahindo, fixou alguns que de novo fez, nas portas da cidade e partes por onde ia; e se senão pozera em salvo lhe custara a vida, porque foi de muitos seguido, e lhe valeu a ligeireza do cavallo, que de industria, com o medo do que lhe podia succeder, levou; e foi tanta a pressa com que El-Rei procedeu n'este negocio, que sendo assim que o Duque partiu de seu alojamento, vespera de Ramos, e Lourenço Abul chegou a Coimbra vespera de Paschoa, e em dia de Paschoa se apresentou a El-Rei, que tanto que soube a resposta do Infante, e que os que estavam com elle não tratavam de obedecer a seus mandados, os houve logo por traidores, e mandou lhe fossem confiscados seus bens apropriados á corôa, e d'elles fez mercê depois aos que n'esta jornada o fizeram por onde o mereceram.

O que tanto que foi sabido em Coimbra causou diversos effeitos, que uns temendo sua ruina em falta de seus bens desanimaram de todo: outros, que eram de mais bravos corações, levados de uma

certa desesperação, determinaram vender bem suas vidas ou á custa de seu sangue remir seus bens, e alguns que os não tinham ficar com elles se a ventura lhe voltasse.

Não foi menor o sentimento do Infante D. Pedro, porque temeu que, com medo de outro similhante perigo, lhe não accudiriam alguns fidalgos e outras gentes que esperava, até dos que tinha em sua companhia se temia que o desamparassem com esperança de perdão; mas não bastou esse medo para deixarem de lhe acudir algumas pessoas de qualidade, e muita gente popular que era a em que tinha mais confiança.

CAPITULO XIX

Como El-Rei procedeu contra D. Pedro, Mestre d'Aviz, filho do Infante

D. Pedro, filho maior do Infante D. Pedro, que havia sido privado da dignidade de Condestavel, quando foi provido n'ella o Infante D. Fernando, irmão d'El-Rei, estava nas comarcas d'entre Tejo e Guadiana, e, como era Mestre de Aviz, tinha alguns castellos em seu poder, como eram a cidade da Elvas, o castello d'Olivença e o de Castello de Vide e Marvão e outros, e não estava declarado se seguiria a rebellião de seu pae, ou obedeceria a El-Rei, pelo que foi aconselhado que lhe tirasse os castellos e fortalezas por evitar outros maiores inconvenientes, e pela suspeita que podia haver de o seguir, e porque tambem como o Infante tinha feito uma liga com o Condestavel de Castella, D. Alvaro de Luna, e com o Mestre de Alcantara, e podiam em seu favor meter gente por aquellas partes n'estes reinos e fazer-se forte n'ellas,

quiz El-Rei acudir a tão grande inconveniente e tirar-lhe os castellos e fortalezas, e por escusar maiores dilações, que podiam ser causa de o apertar, dilatando-se a execução com recados e respostas, determinou mandar com brevidade contra elle, e não se querendo entregar lhe pôr cêrco; para o que mandou fazer prestes o Conde de Odemira, a quem deu a gente bastante com o mais que era necessario para aquelle cerco, havendo de o haver, o qual partiu com a mor pressa que foi possivel.

Sendo certificado D. Pedro de como o Conde ia em sua demanda, tomando conselho com os que com elle estavam, que se achavam atalhados, porque nunca lhe pareceu que primeiro tratasse El-Rei de proceder contra D. Pedro, que contra o Infante seu pae, que até então se não fallava em outra cousa mais que queria El-Rei proceder contra o Infante, e se resolveu de não entregar as fortalezas, seguindo a rebellião de seu pae. E vendo que Fronteira tinha ruim defensa, nem elle tinha gente para a poder deffender, com o parecer d'alguns cavalleiros d'aquella ordem e fidalgos que estavam em sua companhia, se passou a Marvão, entendendo que ahi se poderia melhor deffender pela fortaleza do castello.

O Conde chegou a Castello de Vide, e achando-o desocupado o poz a recado, e deixando n'elle a gente que lhe pareceu necessaria, se passou a Elvas e Olivença, onde fez o mesmo, e em outros logares da raia, o que fez com a maior pressa que lhe foi possivel, e com a mesma caminhou para Marvão a pôr-lhe cêrco, o que sabido por D. Pedro e pelos que com elle estavam, se ajuntaram a conselho sobre o que fariam; e ainda que elle se mostrou firme em não entregar o castello, todos os mais foram de pa-

recer que se não pozesse em defeza, nem esperasse cêrco, porque assim cumpria a honra, e porque tambem seria em grave damno das cousas de seu pae, que tão arriscadas andavam, como todos sabiam que aquellas imaginações de se defender no castello ou esperal-o no campo (como elle dizia) eram impulsos despropositados, porque a gente que tinha em comparação da do Conde não era nada, e a mais d'ella bisonha e mal armada, e o que peior era que muitos não haviam de querer pelejar contra os d'El-Rei, e que no castello não havia mantimentos nem munições, e assim senão podia esperar cêrco de muitos dias, e para quem elle era, e sangue d'onde procedia, seria grande abatimento e quebra de sua honra esperar cêrco tão desesperado como aquelle, pois não havia de d'onde esperar soccorro, e mais havendo de ser cercado por quem era seu desegual, e vinha com tanto poder; e finalmente lhe não podia resistir, e lhe havia de ser necessario entregar-se, e não sabiam depois de entregue como El-Rei se quereria haver com elle, depois de se lhe ter mostrado rebelde; pelo que lhe aconselhavam se passasse a Alcantara, que era do Mestre, onde sem falta seria recolhido e amparado, e deixasse o castello e algumas fortalezas que ainda tinha com seus alcaides, com ordem e mandado que os entregassem a quem por El-Rei se entregasse d'ellas, e se os negocios de seu pae tivessem bom fim sem difficuldade as tornaria a cobrar.

Bem viu o Mestre D. Pedro que nenhum d'aquelles cavalleiros lhe havia de ser bom, antes se quizesse esperar cêrco o haviam de desamparar, porque sempre lhe aconselharam que por nenhum modo resistisse ao que El-Rei ordenasse; nem tinha mais confiança na outra gente de melhor condição, e se

temeu que o entregariam, com medo da recente lembrança da miseria dos que estavam em Coimbra com seu pae.

Pelo que mais por necessidade que por vontade seguiu seu conselho, e se sahiu de Marvão com poucos que o quizeram seguir, que foram os que não tinham que perder, como gente de sua casa; e deixou no castello por alcaide Arthur Gonçalves, que logo o entregou ao Conde de Odemira.

Tanto que foi chegado o fortificou, pondo n'elle a gente necessaria, e deixando as fronteiras seguras se tornou para El-Rei.

O Mestre D. Pedro se passou a Valença, onde por principio de suas fortunas começou a experimentar a ingratidão do Mestre de Alcantara, que em nada respondeu ás obrigações que lhe tinha em satisfação das grandes ajudas que seu pae e elle lhe deram para lançar de Castella os Infantes de Aragão, e das boas obras que elle e D. Alvaro de Luna receberam como fica recontado, o não quizeram ajudar, nem favorecer; e logo em sahindo o Mestre de Marvão se publicou pelos que ficaram n'elle que os mesmos D. Alvaro e Mestre de Alcantara tinham prometido ao Infante D. Pedro grandes ajudas de gentes, com que pertendia buscar El-Rei em Santarem onde estava, e que tambem tinha ordenado fazer grandes pedidos pelos logares do reino, com outras grandes oppressões; o que logo foi sabido na côrte, pelo que ordenou El-Rei com mais brevidade sua destruição.

CAPITULO XX

De como a Rainha intercedeu pelo Infante D. Pedro, seu pae, e da resposta que teve d'El-Rei

Foi a Rainha, D. Izabel tão obediente a El-Rei seu marido, e tão conforme com a sua vontade, e lhe guardou sempre tanto respeito, que em todo o tempo que duraram as desavenças, embaixadas e respostas com seu pae, posto que via que suas cousas iam precipitando-se e cada dia estavam em peior estado, não se tinha entromettido n'ellas, posto que em seu coração padecia grandes afflicções, porque via que a indignação d'El-Rei era justa, e via juntamente a severidade e inteireza com que procedia n'ellas e se serrava para com ella nas materias tocantes a elle, o que era causa de se encolher e lhe não fallar n'isso determinadamente; e como alguns diziam, o mesmo Infante seu pae a tinha avisado que se não entrometesse n'ellas, por não cahir em desgraça d'El-Rei seu marido; comtudo, sabendo agora da rigorosa determinação dada

contra elle, e da diligencia que se punha em ajuntar gente e armas para a ir pôr em execução, e que finalmente sua vida e honra estava em tão manifesto perigo, se não pôde ter que não atropellasse todos os inconvenientes; e tendo por certo que suas lagrimas achariam misericordia em El-Rei, como quem sentia n'elle um animo compassivo, com certas esperanças de que em todo ou em parte mitigaria sua ira e a rigorosa sentença que contra elle tinha pronunciado, de modo que ficasse mais toleravel, buscando tempo e occasião, estando El-Rei com a Infanta sua irmã, se apresenta perante elle com muitas lagrimas, e pondo os joelhos em terra, o que elle lhe não quiz consentir, antes presumindo a que era sua vinda a levantou, e tomando-a pela mão e assentando-a entre si e a Infanta, lhe pediu conta de suas paixões. A Rainha, socegada algum tanto, *lhe fallou* d'esta maneira: Foi V. Alteza servido, meu Rei e meu senhor, de me acceitar por sua legitima serva, mulher e companheira, por filha do Infante D. Pedro, meu pae, ao qual, depois de Deus, devo o ser, e não tenho por maior obrigação essa, que a outra de me grangear a V. Alteza por senhor e pôr-me no alto logar que tenho (ainda que indigna) que é maior que a ventura me podia escolher, que são dividas tão grandes que lh'as não posso satisfazer, ainda que por elle offereça esta vida e ser que me deu; se estas me obrigam a sentir suas fortunas e miserias, V. Alteza melhor que todos o pode julgar, e se tambem tenho obrigação de lhe procurar o remedio. Não posso negar que da sua parte houve algumas desobediencias, a que seus inimigos querem pôr nome de deslealdade e rebellião, e lhe dão outras culpas que não sómente

as não houve, mas nem ainda lhe passaram pela imaginação; nem se pode cuidar de tão leal vassallo como elle é e sempre foi; e esta dureza que se lhe nota de não obedecer com muita pontualidade aos mandados de V. Alteza, é por lhe parecer que procedem mais do odio que alguns lhe tem, que da benignidade de V. Alteza, a quem em todas as occasiões achou propicio a suas cousas; pelo que, senhor, peço a V. Alteza ponha n'elle e em mim os olhos de misericordia que nunca lhe faltou para os estranhos, e os ponha tambem em sua honra e minha e no real sangue de Portugal, cuja fama ficará condemnada no mundo para sempre, se elle por tal caso fôr opprimido, e lhe perdôe algumas leves culpas que de sua parte pode haver; e a outras que lhe impõem seus inimigos não dê credito como imaginadas e levantadas por elles, cujo intento não é menos que chegal-o ao peor estado a que a fortuna pode chegar a um miseravel.

Acabada esta rogativa da Rainha, que ella acompanhou com copiosas lagrimas, a Infanta D. Leonor, que com as suas lhe fez companhia, ajudando suas rogativas e intercessões, intercedendo quanto n'ella foi, pediu a El-Rei houvesse com elle misericordia e não chegasse ao cabo com suas cousas, nem crêsse quanto lhe diziam, e examinasse bem suas culpas, porque se as visse com olhos desapaixonados e pios, creria que não eram merecedoras de chegar com elle ao fim, mórmente sendo tão grande pessoa, e seu tio, irmão de El-Rei seu pae.

Ouviu El-Rei a Rainha e a intercedencia e rogativa da Infanta sua irmã, e suas lagrimas acompanhou com algumas de seus olhos, e com palavras graves e sentidas lhe respondeu:

Bem vejo, Senhora, a obrigação que tendes de acudir pela honra e vida de vosso pae, estando em tempo de tanto perigo como elle se quiz pôr, e se assim o não fizesseis não corresponderieis bem á obrigação de quem sois, mas suas culpas e excessos são tão grandes que na determinação que contra elle se tomou houve grande moderação, e se guardou o respeito devido a ser filho d'El-Rei meu senhor e avô que está em gloria, e não menos por ser vosso pae, que quando assim não fôra houvera de ser castigado com a pena de vida a seus excessos e delictos, não havia outro mais que perder a vida e sua memoria, condemnada para sempre, e sua casa e bens tomados para a corôa de meus reinos, cujos são; e para que saibaes quaes são as culpas e crimes que d'elle me pedem justiça, ainda que vós os não duvideis ou devais de ignorar, mas como os vêdes com olhos de filha, não vos deixa a affeição julgal-os como merecem, mas porque eu os tenho bem examinados, vol-os direi:

Sabei, Senhora, que vosso pae, depois de desterrar a Rainha minha mãe d'estes meus reinos, sendo eu n'elles Rei e senhor, que tambem o era d'ella, onde ella fôra Rainha e mulher d'El-Rei, meu senhor e pae, e legitimamente por seu mandado governadora d'elles, a ella e á Infanta D. Joanna, minha irmã, negou o natural sustento, fazendo-a andar mendigando em reinos extranhos: tomando para si as rendas de meus reinos, e ainda os bens que minha mãe tinha seus proprios, por dote que El-Rei, meu senhor e pae, lhe fez, e os que em seu testamento lhe deixou; e o que peor é que não perdoou aos que trouxe de Aragão, tomando-lh'os todos, como por confiscação, para si e para outros,

que o ajudaram em suas crueldades e tyrannias, como que tivera ella commettido os crimes de lesa-magestade que elle tem; e se não houve por satisfeito da miseria em que a tinha posta, porque n'ella lhe traçou tirar a vida, com veneno, ajudando-se de outra similhante crueldade a sua, como a do Condestavel de Castella, não perdoando a crueldade nenhuma que com ella não usasse. E não ignorava elle n'esse tempo que me offendia a mim, seu Rei e senhor, e que o devia sentir e castigar se porventura não tinha no pensamento atalhal-o, fazendo a mim o que a ella, do que não ha pequenos indicios debaixo de suas dissimulações e hypocrisias, e se o não poz em effeito, não foi por falta de ambição e vontade, mas pelas grandes contradições que no reino tinha d'esses mesmos que nomeia por inimigos, que lhe foram impedimento para não commetter o que o desejo lhe pedia.

Vejo depois d'isso tantas rebelliões, que bem me dão a conhecer que vosso pae não me tem por seu Rei e senhor, e elle por sua bocca o publica assim; de que é bem clara prova que, mandando vir á minha côrte o Duque de Bragança, meu tio, e mandando-lhe que não impedisse seu caminho, não quiz obedecer a meus mandados, quanto mais se póde esperar de quem mandou levar as armas do meu armazem de Lisboa para o castello de sua cidade de Coimbra, e, sendo-lhe por mim mandado as tornasse, o não quiz fazer, a que não póde dar desculpa, antes mostrou a tyrannia que sempre teve no animo, de que ha outros muitos indicios, como é que, sendo-lhe por mim mandado que, despedida a gente de guerra que tem comsigo, o não quiz fazer, antes lhe fez muitas promessas, tudo presumpções

certas do que sempre n'elle se temeu. Deixo outras muitas razões, que vos podera dar, porque as dadas são bem bastantes para maiores castigos dos que contra elle estão ordenados; comtudo não quero que se diga que, pedindo-m'o vós, falte em mim para com elle aquella brandura e compaixão que tenho para os mais, e vos dou palavra que, se vosso pae, conhecendo suas culpas, se offerecer com aquella humildade que como a seu Rei e senhor me deve, pedindo-me d'ellas perdão, de modo que o mundo conheça que tem arrependimento, e da sua parte houve a satisfação devida no que a póde haver, e cumprir o que eu lhe ordenar, suas culpas não terão diante de mim aquella fealdade que merecem, e alcançará de mim esquecimento e perdão d'ellas, como quereis, porque quero ser tido para com elle, por amor de vós e da Infanta minha irmã, antes por remisso que por severo. Mas se sua contumacia e rebellião fôr por diante, far-me-ha ter por sem duvida que tem arreigada no coração a tyrannia, o dar-se a brevidade na execução do que está ordenado contra elle.

Com este bom despacho d'El-Rei ficou a Rainha mui consolada, e por elle lhe quiz beijar a mão (o que El-Rei não consentiu) e com grande agradecimento se despediu e recolheu para logo avizar ao Infante seu pae.

CAPITULO XXI

De como a Rainha avisou o Infante seu pae, e do que elle n'isso fez

TANTO que a Rainha se recolheu, e poz por obra avisar o Infante seu pae que logo viesse lançar-se aos pés d'El-Rei a pedir-lhe perdão, porque o tinha alcançado, avisando-o tambem da determinação que estava dada em conselho, e da pressa que El-Rei punha em se aprestar, e que o mesmo Rei em pessoa havia de ir a fazer-lhe guerra, escrevendo-lhe largamente tudo o mais que se havia assentado contra elle; e com estes despachos mandou Vicente Martins, seu secretario, a quem de palavra mandou tambem que dissesse a seu pae que importava muito não haver dillação alguma; e o que em effeito continham as cartas era que sahira despachado em conselho que se lhe fizesse guerra, e não querendo render-se, fosse cercado em Coimbra, d'onde estava, e lhe seria dada uma das tres penas e castigos que se regulariam pela resis-

tencia que fizesse, que eram lhe fosse cortada a cabeça ou prisão em ferros até morte, ou desterro de Portugal para sempre, e suas terras e bens confiscados para a corôa, e que para isso tinha junto e ia ajuntando um grande exercito, e havia de partir contra elle até o quinto de Maio. E que ella pelo muito que lhe n'isso ia lhe tinha pedido e alcançado perdão, e se queria atalhar sua destruição e salvar sua vida, e a conservação de sua casa, com a mór brevidade que lhe fosse possivel se viesse lançar aos pés d'El-Rei a pedir-lhe com toda a humildade, e que em todo o caso viesse logo, antes de El-Rei partir.

Esta carta mostrou a Rainha a El-Rei, e com sua licença l'ha mandou; nem ella se atrevera a fazer outra cousa, porque lhe foi tão sujeita que não soube nunca sahir-lhe da vontade.

Dada que foi ao Infante por Vicente Martins, que a recebeu perante alguns fidalgos que em seus trabalhos o acompanharam, e o não quizeram nunca desamparar, e por essa razão tiveram a mesma fortuna que elle, a qual logo leu, sem dar conta a ninguem do que continha, e sem fazer mudança, nem alteração, posto por ella viu a rigorosa determinação dada contra elle, que já por outra via soubera, com o rosto quieto e seguro, com mostras de alegria mais que de tristeza esteve por algum espaço perguntando a Vicente Martins pela saude e disposição d'El-Rei, e em que cousas se entretinha e passava o tempo; e dado que as em que El-Rei n'esse tempo se occupava eram todas contra o mesmo Infante, lhe recontou outras, e como todas redundavam em louvores e perfeições d'El-Rei, o Infante mostrava d'isso grande contentamento; e

tendo gastado n'isso algum tempo, se assentou a comer, e acabado o comer se recolheu a sua camara, para onde fez chamar os fidalgos que se acharam em sua casa, perante os quaes mandou lêr a carta de sua filha, e como a determinação que continha era um espantoso pregão da ira d'El-Rei contra elle, de què não ficavam isentos os mais que a ouviram lêr, ficaram todos cortados, cada um menos ou mais, segundo o animo que tinha; e não ficou menos cortado o mesmo Infante, porque ainda que já tinham sabido o que no conselho se ordenára e como se ajuntava gente para isso, não sabiam com tudo da resolução d'El-Rei e presteza com que em pessoa os ia buscar; e não podendo dissimular sua grande paixão e tristeza, com os braços abertos e em cruz levantou os olhos ao ceo, rompendo n'estas palavras:

D'estes agravos e perseguições em que a justiça, razão e humanidade não consentem, primeiramente me queixo a Deus que sabe meu animo e intenção e a lealdade que n'elle ha, e depois á real casa d'este reino em que nasci e me criei, que até agora bem e lealmente servi, e á de Inglaterra em que tanta parte de sangue tenho, e finalmente a vós meus amigos, companheiros e criados, como participantes de minha tão adversa fortuna, aos quaes como secretarios de meus conselhos, e não menos de meus perigos, direi em breves palavras minha determinação que se tomar por melhor, mais acertada e mais honra minha, a mais rigorosa parte d'esta sentença que contra mim se tem dado, por que das outras que são ser desterrado, e que eu filho d'El-Rei D. João, meu pae, que quando sahia de seus reinos enchia de mercês a todo o mundo com tanta veneração de to-

dos, haja de andar agora em minha velhice por reinos alheios e terras estranhas mendigando e soffrendo miserias e trabalhos com tanta deshonra minha e de toda a real casa de Portugal, não quererá Deus; pois da outra que é ser preso para sempre e que sobre cincoenta e sete annos de idade haja de consentir ferros de justiça em minhas carnes, a quem não parecerá ser muito menos mal morrer, pelo que a morte por mais honra minha escolho, debaixo da confiança que quem m'a traça e procura senão ficará gabando a todo meu poder e valer. Deixo de parte como cousa escusada a confiança de perdão procurado pela Rainha minha filha, de que não ha que tratar, pelos grandes inconvenientes que tem, e quanto mais que dado caso que eu me quizera pôr n'isso, tenho por certo que quem a El-Rei fez tomar contra mim tão dura resolução lhe fará tambem que lhe falte para comigo misericordia; e pois em minhas cousas quiz ser por vós bem aconselhado, n'esta que é de mais importancia] que todas, o queria ser melhor; e portanto vos rogo e encommendo que consideradas todas as cousas e razões d'esta fortuna, e a qualidade de minha pessoa, o queiraes bem examinar, e cada um amanhã me dará seu parecer, advertindo que meus inimigos em tão breve tempo como é até cinco dias de Maio, determinam partir contra mim para com tanta brevidade me atalharem poderme aprestar para me deffender; e ainda que diga meus inimigos, não entenda ninguem que offendo minha lealdade, nem que meto n'elles a El-Rei, meu senhor, porque em caso que elle venha em sua companhia contra mim com mostras de ira, sempre crerei que vem forçado e enganado d'elles, a que sua pouca edade e menos experiencia não sabe ir á mão

a similhantes pensamentos, que eu tenho por sem duvida que sua vontade sempre estará certa e firme para as cousas de minha honra, como se deve esperar de principe tão generoso e agradecido como elle é, e ante tudo vos quero declarar minha determinação e vontade, que é partir d'aqui no meio dia que elles tem ordenado, ou antes podendo ser, e os ir buscar e esperar no campo, e pedir a Deus e a El-Rei meu senhor justiça d'elles, como de quem tão sem razão tanto mal me tem feito e pretendem fazer; e quando por meus pecados o não conseguir, e a fortuna me fôr adversa, contentar-me-hei com acabar como bom cavalleiro; porém de agora para todo o tempo protesto de ser tido e conhecido por bom e leal vassallo, e que minha tenção não é offender em nada El-Rei meu senhor; e sobre tudo vos lembro que se a fortuna me fôr favoravel e minhas cousas tiverem bom sucesso, que assim como até agora fostes companheiros e participantes em meus trabalhos, tambem o haveis de ser com as prosperidades que eu tiver.

Com estas palavras, prenhes e enfeitadas, queria o Infante mal encobrir sua tenção e dar a entender o que no peito tinha; juntamente queria com a parte mostrar ser leal vassallo, e por outra parecia brotar a ambição que tinha encerrada no coração; e os mesmos que estavam em seu serviço lhe tinham tanto amor que não duvidavam morrer por elle, conheceram que era dissimulação das suas costumadas, e que uma cousa lhe sahia pela bocca, outra lhe ficava no peito, o que bem se deixava entender nas promessas e offerecimentos que lhe fazia, e eram tambem certos e averiguados argumentos não se deffender de seu Rei em suas terras e

lhe desobedecer tanto ás claras de tantos modos e armar contra elle exercito, mas ainda querer ir buscal-o ao caminho com presunção de não perder reputação se esperasse cerco, com achaque de dizer que ia contra seus inimigos, como se não fôra o mesmo Rei quem o vinha buscar como a rebelde e desleal a sua corôa, com animo de o fazer obedecer a seus mandados e reconhecer por senhor; e os desmaginou e que na materia do perdão que sua filha a Rainha lhe offerecia, não queria conselho, que como cousa escusada não havia que tratar d'ella.

E com esta pratica os despediu, dizendo que ao outro dia lhe viessem dar seu parecer, como lhe tinha dito.

CAPITULO XXII

Do conselho que tomou o Infante D. Pedro com os seus e dos pareceres que houve

CONFORME ao que o Infante D. Pedro tinha assentado, se ajuntaram ao dia seguinte os fidalgos e cavalleiros que o seguiam, e juntos, lhe pediu que dessem seus pareceres, e, depois de entre elles haver muitas duvides e altercações, se repartiram em trez opiniões, a primeira de que foi auctor o doutor Alvaro Affonso, homem muito esforçado e de muita prudencia e grande jurista, o qual, em uma pratica que fez, concluiu que o Infante, amo bom e leal vassallo e catholico principe, não podia, nem devia ir buscar El-Rei com gente armada, antes o devia esperar na cidade de Coimbra, onde estava, deixando-se cercar e protestando sempre de sua lealdade, mostrando estar apparelhado para serviço d'El-Rei, porque, fazendo outra coisa, o mundo o julgaria por desleal, e que d'ahi se El-Rei o cercasse e combatesse, se podia deffen-

der de todo seu poder, e para sua segurança do melhor modo que podesse fortalecer aquella cidade e os castellos de Montemór e Penella, e os provesse do necessario, porque com tão boa gente como tinha não podia ser rendido senão por longo tempo, que, conforme o que se sabia, El-Rei não vinha apparelhado para cerco mui prolongado; e que tambem se pozessem guardas na foz de Buarcos, por onde se poderiam pôr em salvo, vendo-se em necessidade, e d'esta maneira estenderiam o tempo e as cousas com a dilação se poderiam mudar; que posto que por então El-Rei se governava por seus inimigos, podia mudar de parecer, e o tempo o desenganaria com que suas cousas lhe não parecessem tão mal, para o que seria de grande ajuda as esperanças da parte da Rainha, com que se daria El-Rei por obrigado e elle teria mais atrevimento de se entremeter em seus feitos, e os povos que estavam escandalisados d'elle com a nova publicação de sua deslealdade, vendo-o cercado e humilde seriam em seu favor, e quando menos pediriam a El-Rei por elle, e por uma ou ontra via, haveria algum meio ou modo de partido, e se conheceria que com temor se punha em deffesa e não como desleal e ambicioso como seus inimigos faziam crêr a El-Rei; e que o ir buscar a El-Rei com exercito formado, de nenhum modo se podia atribuir a menos que a deslealdade e pertensão de tyrannia; nem se escusava com dizer que ia pedir a El-Rei justiça de seus inimigos, porque essa não podia pedir a El-Rei com mão armada, senão com humildade e submissão.

Este parecer aprovaram e seguiram D. Fadrique, Martim de Tavora, Ayres Gomes da Silva, Alvaro de Athayde, João Correia com outros fidalgos e ca-

valleiros, que era a melhor gente que acompanhava o Infante, e parecia o mais conveniente a suas honras e estados, e por onde conseguia perdão ou de algum modo ter esperança de remedio.

O segundo parecer foi de Luiz de Azevedo e seu irmão Lopo de Azevedo, e Martim Coelho; aos quaes seguiam tambem outros fidalgos e cavalleiros que tambem diziam que o Infante não devia ir contra El-Rei pelas razões dadas acima, mas que tambem convinha a sua honra não esperar cerco dentro na cidade, como cavalleiro da Garrotea que era, antes devia esperar que El-Rei o viesse a buscar, pelo que deviam formar seu arraial fóra da cidade em logar conveniente e seguro, e esperar que El-Rei viesse em sua demanda, e vindo, com toda a submissão e obediencia fazer-lhe seus protestos e requerimentos de como o queriam, e obedecer como a seu Rei e senhor, e pedir-lhe justiça em nome do Infante e seu, e que apartasse de sua presença e conselho seus inimigos, ou pelo menos as cousas que tocassem ao Infante as ordenasse e despachasse sem elles; e se com estas justificações não quizesse ouvil-o, nem tomar outro meio senão o que levava ordenado, então morressem todos no campo ou resgatassem bem suas vidas, e já poderia acontecer que a ventura ajudasse de modo, que os de El-Rei se achassem enganados, pois tratavam de o haver com gente desesparada de outro remedio, mais do que lhe podia das seu esforço.

O terceiro parecer foi do Conde de Abranches, por quem sempre o Infante se governou, que foi causa a fim tão apressado, o qual posto que fosse homem conhecido por um dos melhores cavalleiros do seu tempo, era tão temerario e arrojado que pro-

metia muito mais de si do que seu poder alcançava; e seu parecer foi que ao Infante lhe convinha fazer-se prestes e ir buscar seus inimigos, dos quaes prometia dar-lhe inteira vingança, e quando lh'a não desse perder sobre isso a vida, e que fiava de si que a não havia de perder sem o vingar d'elles, que se pozessem logo a caminho e não esperassem que seus inimigos lhe ganhassem por mão em os vir buscar, porque elle o haveria por mui grande quebra do Infante e sua, e dos mais que o acompanhavam, e que a sua honra convinha partirem o caminho de Santarem com seus inimigos ou ganhar-lhe por mão, podendo, despendendo depois de seu parecer muitas palavras soberbas, conforme a sua demasiada loucura.

E como este fosse tambem o parecer do Infante, e ambos o tivessem já praticado e assentado entre si, só a elle lhe pareceu acertado por mais conforme a seu animo ou a sua tyrannia, como muitos diziam, o qual seguiram poucos, antes todos lhe protestaram e rogaram que o não seguisse, que era caminho de total desesperação e destruição sem esperança de remedio, e que a confiança que faziam de ter victoria era cousa ridicula, pois sabiam o pouco poder que o Infante tinha, e o grão exercito que El-Rei levava; que se desmaginassem já do favor que esperava dos povos, porque já era notorio que todos se haviam mudados e acudiam a El-Rei, e que sómente seus vassallos lhe tinham acudido, e ainda esses mal. Mas como por fim viram que era escusado, desconfiados de poderem mudar seu proposito, cessaram de o persuadir, e se começaram todos a prestar.

E acabado o ajuntamento, se recolheram o In-

fante e Conde, e fizeram entre si aquella tão injusta como barbara conjuração ou juramento reciproco, com voto solemne de que ambos haviam de seguir uma mesma fortuna, que se um morresse, o outro não ficaria com vida; e não faltaram alguns de tão fraco discurso que lh'o louvaram, sendo tanto para se borrar da memoria dos homens e de tanto descredito para o mesmo Infante e para toda a casa real d'estes reinos, assim para ser exemplo mais para gentes barbaras e sem Deus nem fé, como por ser um principe creado no gremio da egreja catholica, e no coração d'ella, como é este reino de Portugal; e mais sendo entre pessoas de differente qualidade como elle era, e tão sabio e prudente na opinião dos homens; e um cavalleiro que não era dos melhores do reino, se já não foi levado do grande desejo de reinar (como muitos querem), seguindo a opinião do primeiro Cezar, que dizia que se podia atropellar a razão por reinar, e não por outra alguma cousa; e logo ordenaram sua partida, como entre ambos estava ordenado contra a opinião de todos os mais que seguiam ao Infante.

CAPITULO XXIII

De como o Infante D. Pedro quiz dissuadir El-Rei de sua partida; e como El-Rei partiu em sua demanda

O INFANTE D. Pedro, posto que estava em caminho com os seus para sahir ao encontro d'El-Rei, com a mais gente que podesse, para com elle pelejar em campo, como se via tão inferior no poder, quiz tentar-se por suas artes, e a pouco custo poderia dissuadir El-Rei a que o fosse buscar, juntamente por cumprir com sua filha, a Rainha, respondeu á carta que ella lhe tinha escripta, e o que a sua continha era querer persuadir que as culpas que seus inimigos encareciam de grandes o não eram, porque a muitas d'ellas estava obrigado em honra, e não devia fazer menos como quem era, e a estas ajuntava outras muitas razões, que lhe fôra melhor não escrever.

E a El-Rei escreveu outra com muita submissão, dando-lhe grandes descargas, e querendo-o persuadir que nas materias da Rainha, sua senhora, se

lhe fôra concedido descarregar-se e mostrar sua innocencia, o fizera bastantemente, mostrando que tudo o que tinha feito fôra com justiça e fundado em bem publico e proveito do reino, sem entrevir odio ou má vontade, como seus inimigos affirmavam, e que ainda que parecesse que procedera com alguma severidade, não era ella merecedora de se proceder contra elle rigorosamente.

E que as mais cousas que tinha feitas não foram tão descaminhadas que merecesse nome de desleal e rebelde, como lhe queriam pôr. E que outras muitas que lhe oppunham, que mostravam apparente deslealdade, eram falsas; e que para quem elle era, e os serviços que lhe tinha feito, merecia bem ser tratado com mais brandura, e não mereciam pôl-o em estado de desesperação.

Era o animo d'El-Rei D. Affonso tão compassivo e exoravel que com estar tão resoluto no castigo do Infante, a humildade fingida da sua carta e as muitas rogativas de sua mulher e intercessão da Princeza D. Leonor (cujo grande animo foi dotado de outra similhante brandura a de El-Rei), que esteve quasi mudado de seu proposito; mas esteve sua desgraça em algumas palavras demasiadamente livres que o Infante escreveu á Rainha sua filha, porque, querendo El-Rei vêr a carta, achou que entre outras, que n'ella se continham, dizia que por satisfazer ao que ella lhe pedia e mandava, pediria perdão a El-Rei por cartas suas, mas não por sua vontade, nem porque fosse justiça nem razão, nem havia de ser pessoalmente, porque não queria dar esse gosto a seus inimigos, com o vêrem ajoelhado pedir perdão de culpas que não tinha.

O que visto por El-Rei se apaixonou gravemente

concebendo em seu animo que o perdão que pedia não era pedido com animo humilde e de emenda, mas por atalhar a partida d'El-Rei contra elle; pelo que se apartou da Rainha e Infanta dizendo-lhe que era escusado fallar mais em perdão, que o Infante não estava capaz d'elle, e com estas ultimas palavras as despediu, com que ficou a Rainha cortada e turvada de tal modo que se não atreveu a fallar mais a El-Rei n'isso.

Não tardaram as novas que o Infante se punha em caminho para partir em demanda d'El-Rei, com que se acabou de inteirar que o perdão que pedia era mais para o advertir da jornada, que com animo de se reduzir a sua obediencia; para o que mandou apressar com muita instancia para partir no dia e tempo que tinha ordenado.

Tinha El-Rei junto dois mil homens de cavallo e seis mil de pé, e não a gente que outros dizem, que põem outras sommas mui excessivas, posto que no caminho se lhe ajuntaram outras muitas gentes, que como leaes o vieram servir contra o Infante (bem differente do que elle esperava) e se lhe ajuntaram tambem muitos delictos, os quaes elle recebeu com bom rosto, que com a gente do Duque de Bragança seu tio, vieram a fazer numero de quatro mil de cavallo, e doze mil de pé, com o qual exercito caminhou El-Rei de Santarem com o Conde de Ourem e o Duque seu pae, com muito concerto e ordem militar tomando o caminho de Coimbra, resoluto tirar de uma vez do seu reino tão grande inconveniente.

O Infante D. Pedro tanto que despediu o secretario Vicente Martins, fez ajuntar os seus que já todos estavam com elle em Coimbra, Montemór e Pe-

nella, e juntos, achou que tinha mil e duzentos homens de cavallo, ainda que outros diziam menos, e de pé dois mil e trezentos, e postos em muita ordem tomaram o caminho de Santarem, levando á vanguarda o Conde de Abranches com quinhentos de cavallo e oito centos de pé e algumas peças de artilheria, e á rectaguarda o Infante com toda a mais gente partiram em quatro de Maio, indo o Conde blazonando e fazendo grandes ferros, e passada a primeira jornada mudáram o caminho tomando a via de Lisboa, porque ainda lhe não faltava ao Infante a confiança que sempre teve do favor d'aquella cidade, que foi quem trouxe suas cousas a tão trabalhoso estado. Ainda esperava que n'aquella occasião o favorecessem, mas enganou-se, porque ou a lealdade, e amor do seu Rei, ou o medo de serem castigados rigorosamente por desleaes, e ainda dos alvoroços passados de que El-Rei não estava esquecido, os teve tão quietos que não houve pessoa que se atrevesse a fazer movimento algum, e seguindo suas jornadas chegaram á villa de Castanheira, onde se detiveram até serem informados de seus descobridores do caminho que El-Rei levava.

CAPITULO XXIV

De como o campo de El-Rei se veiu acercando ao do Infante

Tinha partido de Santarem o campo d'El-Rei na via de Coimbra como fica dito, repartido em tres batalhas das quaes a da vanguarda levava o Conde de Ourem com novecentos homens de cavallo e dois mil de pé; a segunda seu pae o Duque D. Affonso com a sua gente e a rectaguarda levava El-Rei com toda a mais gente em que iam dois mil de cavallo, e de pé oito mil.

E posto este campo em toda a ordem, tendo aviso que o Infante D. Pedro tinha tomado outro caminho, e ia na volta de Lisboa, conhecendo-lhe os pensamentos e com algum risco que o povo de Lisboa fizesse algum levantamento, a grandes jornadas o foram demandar; o que sabido pelo Infante e certificado do grande exercito d'El-Rei (qual o Infante nunca imaginou) temendo ser cercado, contra o parecer do Conde de Abranches, se metteu em uma

terra aspera e fragosa junto de um ribeiro que chamam Alfarrobeira, com animo de alli se fazer forte e não o obrigarem a pelejar senão como e quando elle quizesse.

Ao mesmo logar chegaram El-Rei e o Duque ao segundo dia com seu campo, o qual fortaleceram e vallaram como pede a arte militar, e repartiram suas estancias, ordenando que na guarda e vigia d'elle não houvesse descuido, porque bem tinham entendido que o Infante e Conde de Abranches haviam de usar de alguns estratagemas e industrias de guerra para lhe fazerem todo o mal que podessem, pois por se embuscarem, conheciam já d'elles que não queriam pelejar em campo aberto. E tambem tomaram os altos mais convenientes que viram ser de importancia para segurança sua, e opprimirem os inimigos; e estando ainda no fortalecimento e obra d'elle lhe veiu o Conde de Abranches dar uma vista, e vendo bem a gente que tinha e considerando a ordem que se guardava em seu assento e fortalecimento, viu tudo bem differente do que elle imaginava, e se achou mui enganado, porque tinha determinado e tratado com o Infante de dar no campo d'El-Rei desapercebido, confiado o desordenar e desbaratar, porque entendia que senão guardaria com tanta pontualidade e ordem militar de que elle se tinha por mestre; mas vendo agora o contrario, e que não podia ser entrado e combatido menos que com outro poder maior do que n'elle estava, perdeu as esperanças não sómente de conseguir effeito sua industria, mas ainda de se poderem salvar sem perda da mór parte de sua gente, e dando volta ao seu arraial, desconfiado e perdida já a mór parte de sua temeraria presumpção, sem dar a conta a ninguem,

se foi á tenda do Infante, ao qual sómente a deu do que vira e do pouco que podiam fazer por então, e lhe requereu com muita instancia que se pozesse em salvo, porque não sentia outro caminho de salvação, encarecendo-lhe o grande poder do campo d'El-Rei e a ordem de guerra que n'elle havia, e muita confiança, e o desprezo que faziam d'elle e de seu pouco poder, do que tudo se informara de espias do campo d'El-Rei, attribuindo aquella ordem ao Duque de Bragança, do qual sabia ser assaz perito na arte militar, como filho de El-Rei seu pae, e criado na eschola do grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, seu sogro.

Ficou o Infante D. Pedro cortado e mais desconfiado que o Conde, dando-lhe por resposta que era já tarde, e que pois assim era, que elle estava determinado a morrer quando não houvesse outro modo de salvação com que sua honra ficasse sem diminuição; quanto mais que quando d'alli se salvassem via atalhados todos os caminhos de se poder conservar com honra que era o que mais queria e estimava; e então conheceu bem quão mal aconselhado fôra, e como por seu parecer pozera suas cousas na ultima desesperação a que suas arrogancias o tinham chegado. E tendo largamente praticado o negocio, se determinaram a morrer, e de novo confirmaram o juramento que tinham feito de que morrendo qualquer d'elles na batalha, outro não ficaria com vida, e seguiriam ambos a mesma fortuna; e ainda sua desesperação lhe creou não pequena confiança de fazerem algum bom effeito; e para crear animo nos seus os mandou o Infante ajuntar sem em algum modo mostrar desconfiança, aos quaes fez uma breve pratica em que lhe encareceu o esforço e nobreza de

valleiros, que era a melhor gente que acompanhava o Infante, e parecia o mais conveniente a suas honras e estados, e por onde conseguia perdão ou de algum modo ter esperança de remedio.

O segundo parecer foi de Luiz de Azevedo e seu irmão Lopo de Azevedo, e Martim Coelho; aos quaes seguiam tambem outros fidalgos e cavalleiros que tambem diziam que o Infante não devia ir contra El-Rei pelas razões dadas acima, mas que tambem convinha a sua honra não esperar cerco dentro na cidade, como cavalleiro da Garrotea que era, antes devia esperar que El-Rei o viesse a buscar, pelo que deviam formar seu arraial fóra da cidade em logar conveniente e seguro, e esperar que El-Rei viesse em sua demanda, e vindo, com toda a submissão e obediencia fazer-lhe seus protestos e requerimentos de como o queriam, e obedecer como a seu Rei e senhor, e pedir-lhe justiça em nome do Infante e seu, e que apartasse de sua presença e conselho seus inimigos, ou pelo menos as cousas que tocassem ao Infante as ordenasse e despachasse sem elles; e se com estas justificações não quizesse ouvil-o, nem tomar outro meio senão o que levava ordenado, então morressem todos no campo ou resgatassem bem suas vidas, e já poderia acontecer que a ventura ajudasse de modo, que os de El-Rei se achassem enganados, pois tratavam de o haver com gente desesparada de outro remedio, mais do que lhe podia das seu esforço.

O terceiro parecer foi do Conde de Abranches, por quem sempre o Infante se governou, que foi causa a fim tão apressado, o qual posto que fosse homem conhecido por um dos melhores cavalleiros do seu tempo, era tão temerario e arrojado que pro-

metia muito mais de si do que seu poder alcançava; e seu parecer foi que ao Infante lhe convinha fazer-se prestes e ir buscar seus inimigos, dos quaes prometia dar-lhe inteira vingança, e quando lh'a não desse perder sobre isso a vida, e que fiava de si que a não havia de perder sem o vingar d'elles, que se pozessem logo a caminho e não esperassem que seus inimigos lhe ganhassem por mão em os vir buscar, porque elle o haveria por mui grande quebra do Infante e sua, e dos mais que o acompanhavam, e que a sua honra convinha partirem o caminho de Santarem com seus inimigos ou ganhar-lhe por mão, podendo, despendendo depois de seu parecer muitas palavras soberbas, conforme a sua demasiada loucura.

E como este fosse tambem o parecer do Infante, e ambos o tivessem já praticado e assentado entre si, só a elle lhe pareceu acertado por mais conforme a seu animo ou a sua tyrannia, como muitos diziam, o qual seguiram poucos, antes todos lhe protestaram e rogaram que o não seguisse, que era caminho de total desesperação e destruição sem esperança de remedio, e que a confiança que faziam de ter victoria era cousa ridicula, pois sabiam o pouco poder que o Infante tinha, e o grão exercito que El-Rei levava; que se desmaginassem já do favor que esperava dos povos, porque já era notorio que todos se haviam mudados e acudiam a El-Rei, e que sómente seus vassallos lhe tinham acudido, e ainda esses mal. Mas como por fim viram que era escusado, desconfiados de poderem mudar seu proposito, cessaram de o persuadir, e se começaram todos a prestar.

E acabado o ajuntamento, se recolheram o In-

fante e Conde, e fizeram entre si aquella tão injusta como barbara conjuração ou juramento reciproco, com voto solemne de que ambos haviam de seguir uma mesma fortuna, que se um morresse, o outro não ficaria com vida; e não faltaram alguns de tão fraco discurso que lh'o louvaram, sendo tanto para se borrar da memoria dos homens e de tanto descredito para o mesmo Infante e para toda a casa real d'estes reinos, assim para ser exemplo mais para gentes barbaras e sem Deus nem fé, como por ser um principe creado no gremio da egreja catholica, e no coração d'ella, como é este reino de Portugal; e mais sendo entre pessoas de differente qualidade como elle era, e tão sabio e prudente na opinião dos homens; e um cavalleiro que não era dos melhores do reino, se já não foi levado do grande desejo de reinar (como muitos querem), seguindo a opinião do primeiro Cezar, que dizia que se podia atropellar a razão por reinar, e não por outra alguma cousa; e logo ordenaram sua partida, como entre ambos estava ordenado contra a opinião de todos os mais que seguiam ao Infante.

CAPITULO XXIII

De como o Infante D. Pedro quiz dissuadir El-Rei de sua partida; e como El-Rei partiu em sua demanda

O INFANTE D. Pedro, posto que estava em caminho com os seus para sahir ao encontro d'El-Rei, com a mais gente que podesse, para com elle pelejar em campo, como se via tão inferior no poder, quiz tentar-se por suas artes, e a pouco custo poderia dissuadir El-Rei a que o fosse buscar, juntamente por cumprir com sua filha, a Rainha, respondeu á carta que ella lhe tinha escripta, e o que a sua continha era querer persuadir que as culpas que seus inimigos encareciam de grandes o não eram, porque a muitas d'ellas estava obrigado em honra, e não devia fazer menos como quem era, e a estas ajuntava outras muitas razões, que lhe fôra melhor não escrever.

E a El-Rei escreveu outra com muita submissão, dando-lhe grandes descargas, e querendo-o persuadir que nas materias da Rainha, sua senhora, se

valleiros, que era a melhor gente que acompanhava o Infante, e parecia o mais conveniente a suas honras e estados, e por onde conseguia perdão ou de algum modo ter esperança de remedio.

O segundo parecer foi de Luiz de Azevedo e seu irmão Lopo de Azevedo, e Martim Coelho; aos quaes seguiam tambem outros fidalgos e cavalleiros que tambem diziam que o Infante não devia ir contra El-Rei pelas razões dadas acima, mas que tambem convinha a sua honra não esperar cerco dentro na cidade, como cavalleiro da Garrotea que era, antes devia esperar que El-Rei o viesse a buscar, pelo que deviam formar seu arraial fóra da cidade em logar conveniente e seguro, e esperar que El-Rei viesse em sua demanda, e vindo, com toda a submissão e obediencia fazer-lhe seus protestos e requerimentos de como o queriam, e obedecer como a seu Rei e senhor, e pedir-lhe justiça em nome do Infante e seu, e que apartasse de sua presença e conselho seus inimigos, ou pelo menos as cousas que tocassem ao Infante as ordenasse e despachasse sem elles; e se com estas justificações não quizesse ouvil-o, nem tomar outro meio senão o que levava ordenado, então morressem todos no campo ou resgatassem bem suas vidas, e já poderia acontecer que a ventura ajudasse de modo, que os de El-Rei se achassem enganados, pois tratavam de o haver com gente desesparada de outro remedio, mais do que lhe podia das seu esforço.

O terceiro parecer foi do Conde de Abranches, por quem sempre o Infante se governou, que foi causa a fim tão apressado, o qual posto que fosse homem conhecido por um dos melhores cavalleiros do seu tempo, era tão temerario e arrojado que pro-

metia muito mais de si do que seu poder alcançava; e seu parecer foi que ao Infante lhe convinha fazer-se prestes e ir buscar seus inimigos, dos quaes prometia dar-lhe inteira vingança, e quando lh'a não desse perder sobre isso a vida, e que fiava de si que a não havia de perder sem o vingar d'elles, que se pozessem logo a caminho e não esperassem que seus inimigos lhe ganhassem por mão em os vir buscar, porque elle o haveria por mui grande quebra do Infante e sua, e dos mais que o acompanhavam, e que a sua honra convinha partirem o caminho de Santarem com seus inimigos ou ganhar-lhe por mão, podendo, despendendo depois de seu parecer muitas palavras soberbas, conforme a sua demasiada loucura.

E como este fosse tambem o parecer do Infante, e ambos o tivessem já praticado e assentado entre si, só a elle lhe pareceu acertado por mais conforme a seu animo ou a sua tyrannia, como muitos diziam, o qual seguiram poucos, antes todos lhe protestaram e rogaram que o não seguisse, que era caminho de total desesperação e destruição sem esperança de remedio, e que a confiança que faziam de ter victoria era cousa ridicula, pois sabiam o pouco poder que o Infante tinha, e o grão exercito que El-Rei levava; que se desmaginassem já do favor que esperava dos povos, porque já era notorio que todos se haviam mudados e acudiam a El-Rei, e que sómente seus vassallos lhe tinham acudido, e ainda esses mal. Mas como por fim viram que era escusado, desconfiados de poderem mudar seu proposito, cessaram de o persuadir, e se começaram todos a prestar.

E acabado o ajuntamento, se recolheram o In-

fante e Conde, e fizeram entre si aquella tão injusta como barbara conjuração ou juramento reciproco, com voto solemne de que ambos haviam de seguir uma mesma fortuna, que se um morresse, o outro não ficaria com vida; e não faltaram alguns de tão fraco discurso que lh'o louvaram, sendo tanto para se borrar da memoria dos homens e de tanto descredito para o mesmo Infante e para toda a casa real d'estes reinos, assim para ser exemplo mais para gentes barbaras e sem Deus nem fé, como por ser um principe creado no gremio da egreja catholica, e no coração d'ella, como é este reino de Portugal; e mais sendo entre pessoas de differente qualidade como elle era, e tão sabio e prudente na opinião dos homens; e um cavalleiro que não era dos melhores do reino, se já não foi levado do grande desejo de reinar (como muitos querem), seguindo a opinião do primeiro Cezar, que dizia que se podia atropellar a razão por reinar, e não por outra alguma cousa; e logo ordenaram sua partida, como entre ambos estava ordenado contra a opinião de todos os mais que seguiam ao Infante.

CAPITULO XXIII

De como o Infante D. Pedro quiz dissuadir El-Rei de sua partida; e como El-Rei partiu em sua demanda

O INFANTE D. Pedro, posto que estava em caminho com os seus para sahir ao encontro d'El-Rei, com a mais gente que podesse, para com elle pelejar em campo, como se via tão inferior no poder, quiz tentar-se por suas artes, e a pouco custo poderia dissuadir El-Rei a que o fosse buscar, juntamente por cumprir com sua filha, a Rainha, respondeu á carta que ella lhe tinha escripta, e o que a sua continha era querer persuadir que as culpas que seus inimigos encareciam de grandes o não eram, porque a muitas d'ellas estava obrigado em honra, e não devia fazer menos como quem era, e a estas ajuntava outras muitas razões, que lhe fôra melhor não escrever.

E a El-Rei escreveu outra com muita submissão, dando-lhe grandes descargas, e querendo-o persuadir que nas materias da Rainha, sua senhora, se

seus antepassados, mostrando-lhe que nunca como n'aquella occasião lhe fôra necessario, porque vencendo os esperavam grandes honras e acrescentamentos que elle a todos promettia, e pelo contrario sendo vencidos não havia lugar seguro no mundo para elles; que se determinassem a vencer ou morrer. Não lhe dando nem ainda nas mostras do rosto signaes de sua desconfiança nem conta do grande exercito d'El-Rei por de todo os não desanimar. Acabada esta pratica todos os que foram alli a uma voz responderam que estavam prestes para morrerem por seu serviço e amor, mas que esperavam de lhe dar victoria infallivel, e quando assim não fosse vender bem suas vidas, porque bem viam que assim elles, como suas honras, e o mais consistia sómente em seu esforço. E debaixo d'esta confiança se animavam uns aos outros propondo de vencer ou morrer; e com este proposito cada um se foi a sua estancia até ser tempo de accommetter.

CAPITULO XXV

Das diligencias que El-Rei fez para reduzir o Infante a seu serviço

Estando ainda o Infante D. Pedro em sua pratica, mandou El-Rei lançar um bando ao redor do seu arraial por reis d'armas e farautes, com som de tambores e trombetas, em que se continha que todos os que estavam dentro dos alojamentos do Infante se viessem logo a El-Rei com suas armas e creados, sob pena de traidores, que não vindo os havia desde logo por taes, e encorrido nas penas de direito, e por condemnados n'ellas e banidos para que em todo o tempo os podesse matar quem os topasse. E sendo assim publicado e sabido por todos os do Infante, não bastou verem caminho aberto de perdão e salvação, que tão obstinados estavam que não houve algum que o desamparasse.

Dado que foi este pregão não faltaram no campo d'El-Rei algumas pessoas nobres e bem intenciona-

das que, condoendo-se da miseria do Infante e da infeliz fortuna em que o viam, que juntos não fossem pedir a El-Rei misericordia por elle; a que El-Rei respondeu que o Infante não queria, nem pedia perdão, como bem mostrava por suas obras; nem a elle lhe estava bem dar-lh'o em tempo que o Infante vinha com tanta gente d'armas, em que bem mostrava que o não reconhecia como senhor, comtudo se lhe conhecia que se o Infante viera pessoalmente a pedir-lh'o lh'o daria, e, quando menos, lhe daria a vida; e com estas boas esperanças algumas pessoas qualificadas do campo d'El-Rei, se foram ao Infante a lhe persuadir o quizesse fazer, e affirmando-lhe que não havia duvida no perdão se o pedisse pessoalmente; e por muito que lhe disseram e seguranças que lhe deram se não pôde acabar nada com elle como obstinado e entregue á sua desesperação, nem o Conde de Abranches lhe deu logar para tomar o caminho que bom fosse. E claramente se viu que El-Rei lhe quizera dar a vida, porque estando os campos tão juntos um do outro com tanta vantagem da parte d'El-Rei que não estava a victoria em mais que em mandar romper ou dar licença aos seus para lhe darem batalha, o foi dilatando mandando sempre acercar o seu arraial ao do Infante e largando seus fortalecimentos, em que se gastaram tres ou quatro dias até estarem tão juntos que se alcançavam de um a outro com os tiros dos arcabuzes, dos quaes havia já alguns, posto que poucos, no campo, e se detivera El-Rei mais se não succedera que querendo os capitães do campo real tomar um cabeço alto que ficava sobre o arraial do Infante, que os seus tinham occupado, acudiram outros a defendel-o, e posto que fizeram

alguma resistencia, não foi parte para não serem lançados d'elle com morte de muitos, e sendo assim tomado por ficar emminente e superior ao arraial do Infante, d'elle começaram a fazer alguns damnos nos seus com arcabuzes, béstas, e outros tiros, e com achaque d'isso da sua parte assestaram um grosso pedreiro, dizendo contra o cabeço, mas foi assestado contra a tenda de El-Rei e do Duque de Bragança, que estavam juntas, o qual disparado matou alguns homens junto das tendas, fez mudar a El-Rei e Duque a estancia, que causou grande indignação no arraial. E logo o Duque e Conde d'Ourem, com as principaes pessoas do campa d'El-Rei, se vieram a elle a persuadil-o que não havia que esperar, que claramente se conhecia o animo do Infante, que era tirar-lhe a vida, que elle queria fazer com suas traças, se fizesse logo d'elle. Como a indignação era em El-Rei maior que em cada um d'elles, mandou que se não esperasse mais, e se não desse vida a nenhum, e que o mesmo Infante fosse o primeiro, pois em tempo que elle estava dando tantas esperanças de perdão, andava machinando e traçando tirar-lhe a vida; o que logo se poz em effeito, como se verá do capitulo seguinte.

CAPITULO XXVI

Da batalha que houve e morte do Infante e todos os seus

Foi tão grande a indignação d'El-Rei, Duque de Bragança e Conde d'Ourem, e ainda de todo o campo, que a grandes vozes clamavam que logo commettessem os arraiaes do Infante e se não desse vida a nenhum de quantos traidores com elle estavam, pois tanto ás claras mostrava ser traidor, o que faziam com tanta confusão e determinação que os não podiam ter; mas temendo El-Rei e o Duque alguma grande desordem, se confusamente e sem a ordem devida commettessem, louvando-lhe a sua resolução, lhe mandaram que se não desordenassem e seguissem suas bandeiras, e a ordem de seus capitães e todos a de seu general, que era o mesmo Duque; e repartindo o combate do arraial, do qual o Infante se não atrevia a sahir, e recolhido esperava alguma desordem no d'El-Rei, por ter ouvido a confusão que n'elle ia, da qual se

esperava aproveitar, succedendo o que esperava a que se não deu lugar, porque n'aquelle breve tempo deu o Duque tal ordem aos coroneis e capitães, que toda a industria do Infante e suas traças, com a insolencia do conde d'Abranches, ficaram frustradas, e seu arraial foi por muitas partes combatido; e ainda que os seus se deffendiam e offendiam valorosamente e como gente desesperada, foi tão grande a indignação e resolução dos d'El-Rei, e com tanto animo accommetteram, que foi logo por ventura e por muitas partes entrado, pondo por terra e arrasando os vallos e deffensas, o que não poude, sem muitas mortes de ambas as partes, e da parte d'El-Rei, foram mortos muitos bons cavalleiros e soldados de nome conhecido por esforçados, porque de uma parte sua determinação e da outra vêr que estavam á vista d'El-Rei e conhecerem d'elle quanto estimava os que eram taes não receiavam metter-se nos maiores perigos, arriscando suas vidas pela honra e fama por livrar a seu Rei de um tyrano e tão grande inimigo como o nomeavam, que era o assumpto para que ali eram vindos com tanto animo e vontade. E se levantou logo um rumor e vosearia, em que se dizia que d'aquella vez não ficasse raiz nem semente de traidores que tornassem a inquietar o reino, em que sempre a lealdade fôra tão estimada.

Conheceu-se bem o valoroso animo do moço Rei n'aquella primeira batalha em que se achou, porque acompanhado do Duque seu tio e do Conde d'Ourem, seu primo, que como tão propincuos no sangue e leaes nas obras quizeram atalhar que seu grande esforço o não mettesse em algum perigo em que arriscasse a vida, por lhe ser tão notorio quanto

desejavam os contrarios de lh'a tirar; porque nunca o desacompanharam, e asssim em sua companhia com outros muitos cavalleiros andaram discorrendo de uma parte a outra, louvando as cavallarias e esforço de uns, e animando a todos, que é o mais certo caminho para fazer os principes amados e os vassallos valorosos, e fazerem obras dignas de eterna fama, sendo coisa que ao Rei lhe custa pouco, e o vassallo tanto estima; injustamente faz o principe que nega similhante satisfação; esta falta se não conheceu nunca no voloroso Rei D. Affonso, porque sempre premiou os seus, honrando-os por todas as vias que lhe foi possivel e fazendo-lhe outras mercês mui avantajadas, que foi causa de em seu tempo haver valorosos cavalleiros, com os quaes fez em Africa valorosos feitos com que mostrou bem não degenerar dos seus antigos progenitores, antes dar lustre ao valor dos que mais ennobreceram o real tronco de que era felice ramo.

Entrado que foi o arraial do Infante não se viu n'elle mais que mortos de uma e outra parte, porque como os d'El-Rei fossem muitos e viessem levados de uma determinação tão resoluta de não deixar nenhum com vida, e os do Infante conhecessem que lhe não restava outra esperança de vida mais que o valor de seus braços lhe podia dar, o que era coisa de todos, assim uns como outros fazerem façanhas dignas de eterna fama. E como d'ambas as partes houvessem tal resolução e pelejassem a pé quedo, (se assim se póde dizer) em espaço de hora e meia foram os do Infante postos a cutello, ficando mortos e estirados n'aquellas fragas e asperezas, que lhe não valeram pelo grande desejo com que eram buscados e mortos, porque como lhe tivessem

tomado todos os altos, cercados por todas as partes, alguns que pozeram suas esperanças na fugida, foram tomados e mortos como estava mandado por El-Rei e pelo Duque.

O Infante andando a batalha em pezo, e elle acompanhado d'alguns cavalleiros pelejando e discorrendo de uma parte a outra e animando os seus, lembrando-lhe que de suas obras podiam tirar honra e vida com outros grandes bens e esse era o unico e só remedio em que podiam estribar, que aspirassem á victoria ou que morressem como cavalleiros com as armas nas mãos e não nas dos vis algozes como cobardes e pusilanimes; o que foi parte para se metterem pelos d'El-Rei, levados d'aquella fraca esperança, e fazerem obras temerarias. Mas por fim todos acabavam nas suas mãos no pequeno espaço que fica dito.

Andando pois o Infante assim discorrendo dando e fazendo dar muitas mortes como esforçado que era, veiu uma seta perdida, que o não foi n'aquella hora, que lhe passou uma cota de malha e uma roupeta comprida de veludo carmezim, que debaixo d'ella trazia e lhe atravessou o coração, que deu motivo a muitas prespectivas para dizerem que foi justo juizo de Deus (como todos o são) ser ferido n'elle como centro onde teve, em quanto viveu, reconcentrados os pensamentos de tyranno, tendo sempre em todos os seus actos as palavras differentes das obras, como bem se colhe d'ellas e do discurso de sua vida, porque estas denunciam animo tyranno, cheio de ambição insaciavel que era causa de não reconhecer Rei nem senhor; nas palavras mostrava uma justa moderação e modestia ajustada com a razão; mas conforme as sentenças de muitos

terra aspera e fragosa junto de um ribeiro que chamam Alfarrobeira, com animo de alli se fazer forte e não o obrigarem a pelejar senão como e quando elle quizesse.

Ao mesmo logar chegaram El-Rei e o Duque ao segundo dia com seu campo, o qual fortaleceram e vallaram como pede a arte militar, e repartiram suas estancias, ordenando que na guarda e vigia d'elle não houvesse descuido, porque bem tinham entendido que o Infante e Conde de Abranches haviam de usar de alguns estratagemas e industrias de guerra para lhe fazerem todo o mal que podessem, pois por se embuscarem, conheciam já d'elles que não queriam pelejar em campo aberto. E tambem tomaram os altos mais convenientes que viram ser de importancia para segurança sua, e opprimirem os inimigos; e estando ainda no fortalecimento e obra d'elle lhe veiu o Conde de Abranches dar uma vista, e vendo bem a gente que tinha e considerando a ordem que se guardava em seu assento e fortalecimento, viu tudo bem differente do que elle imaginava, e se achou mui enganado, porque tinha determinado e tratado com o Infante de dar no campo d'El-Rei desapercebido, confiado o desordenar e desbaratar, porque entendia que senão guardaria com tanta pontualidade e ordem militar de que elle se tinha por mestre; mas vendo agora o contrario, e que não podia ser entrado e combatido menos que com outro poder maior do que n'elle estava, perdeu as esperanças não sómente de conseguir effeito sua industria, mas ainda de se poderem salvar sem perda da mór parte de sua gente, e dando volta ao seu arraial, desconfiado e perdida já a mór parte de sua temeraria presumpção, sem dar a conta a ninguem,

se foi á tenda do Infante, ao qual sómente a deu do que vira e do pouco que podiam fazer por então, e lhe requereu com muita instancia que se pozesse em salvo, porque não sentia outro caminho de salvação, encarecendo-lhe o grande poder do campo d'El-Rei e a ordem de guerra que n'elle havia, e muita confiança, e o desprezo que faziam d'elle e de seu pouco poder, do que tudo se informara de espias do campo d'El-Rei, attribuindo aquella ordem ao Duque de Bragança, do qual sabia ser assaz perito na arte militar, como filho de El-Rei seu pae, e criado na eschola do grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, seu sogro.

Ficou o Infante D. Pedro cortado e mais desconfiado que o Conde, dando-lhe por resposta que era já tarde, e que pois assim era, que elle estava determinado a morrer quando não houvesse outro modo de salvação com que sua honra ficasse sem diminuição; quanto mais que quando d'alli se salvassem via atalhados todos os caminhos de se poder conservar com honra que era o que mais queria e estimava; e então conheceu bem quão mal aconselhado fôra, e como por seu parecer pozera suas cousas na ultima desesperação a que suas arrogancias o tinham chegado. E tendo largamente praticado o negocio, se determinaram a morrer, e de novo confirmaram o juramento que tinham feito de que morrendo qualquer d'elles na batalha, outro não ficaria com vida, e seguiriam ambos a mesma fortuna; e ainda sua desesperação lhe creou não pequena confiança de fazerem algum bom effeito; e para crear animo nos seus os mandou o Infante ajuntar sem em algum modo mostrar desconfiança, aos quaes fez uma breve pratica em que lhe encareceu o esforço e nobreza de

seus antepassados, mostrando-lhe que nunca como n'aquella occasião lhe fôra necessario, porque vencendo os esperavam grandes honras e acrescentamentos que elle a todos promettia, e pelo contrario sendo vencidos não havia lugar seguro no mundo para elles; que se determinassem a vencer ou morrer. Não lhe dando nem ainda nas mostras do rosto signaes de sua desconfiança nem conta do grande exercito d'El-Rei por de todo os não desanimar. Acabada esta pratica todos os que foram alli a uma voz responderam que estavam prestes para morrerem por seu serviço e amor, mas que esperavam de lhe dar victoria infallivel, e quando assim não fosse vender bem suas vidas, porque bem viam que assim elles, como suas honras, e o mais consistia sómente em seu esforço. E debaixo d'esta confiança se animavam uns aos outros propondo de vencer ou morrer; e com este proposito cada um se foi a sua estancia até ser tempo de accommetter.

CAPITULO XXV

Das diligencias que El-Rei fez para reduzir o Infante a seu serviço

Estando ainda o Infante D. Pedro em sua pratica, mandou El-Rei lançar um bando ao redor do seu arraial por reis d'armas e farautes, com som de tambores e trombetas, em que se continha que todos os que estavam dentro dos alojamentos do Infante se viessem logo a El-Rei com suas armas e creados, sob pena de traidores, que não vindo os havia desde logo por taes, e encorrido nas penas de direito, e por condemnados n'ellas e banidos para que em todo o tempo os podesse matar quem os topasse. E sendo assim publicado e sabido por todos os do Infante, não bastou verem caminho aberto de perdão e salvação, que tão obstinados estavam que não houve algum que o desamparasse.

Dado que foi este pregão não faltaram no campo d'El-Rei algumas pessoas nobres e bem intenciona-

das que, condoendo-se da miseria do Infante e da infeliz fortuna em que o viam, que juntos não fossem pedir a El-Rei misericordia por elle; a que El-Rei respondeu que o Infante não queria, nem pedia perdão, como bem mostrava por suas obras; nem a elle lhe estava bem dar-lh'o em tempo que o Infante vinha com tanta gente d'armas, em que bem mostrava que o não reconhecia como senhor, comtudo se lhe conhecia que se o Infante viera pessoalmente a pedir-lh'o lh'o daria, e, quando menos, lhe daria a vida; e com estas boas esperanças algumas pessoas qualificadas do campo d'El-Rei, se foram ao Infante a lhe persuadir o quizesse fazer, e affirmando-lhe que não havia duvida no perdão se o pedisse pessoalmente; e por muito que lhe disseram e seguranças que lhe deram se não pôde acabar nada com elle como obstinado e entregue á sua desesperação, nem o Conde de Abranches lhe deu logar para tomar o caminho que bom fosse. E claramente se viu que El-Rei lhe quizera dar a vida, porque estando os campos tão juntos um do outro com tanta vantagem da parte d'El-Rei que não estava a victoria em mais que em mandar romper ou dar licença aos seus para lhe darem batalha, o foi dilatando mandando sempre acercar o seu arraial ao do Infante e largando seus fortalecimentos, em que se gastaram tres ou quatro dias até estarem tão juntos que se alcançavam de um a outro com os tiros dos arcabuzes, dos quaes havia já alguns, posto que poucos, no campo, e se detivera El-Rei mais se não succedera que querendo os capitães do campo real tomar um cabeço alto que ficava sobre o arraial do Infante, que os seus tinham occupado, acudiram outros a defendel-o, e posto que fizeram

alguma resistencia, não foi parte para não serem lançados d'elle com morte de muitos, e sendo assim tomado por ficar emminente e superior ao arraial do Infante, d'elle começaram a fazer alguns damnos nos seus com arcabuzes, béstas, e outros tiros, e com achaque d'isso da sua parte assestaram um grosso pedreiro, dizendo contra o cabeço, mas foi assestado contra a tenda de El-Rei e do Duque de Bragança, que estavam juntas, o qual disparado matou alguns homens junto das tendas, fez mudar a El-Rei e Duque a estancia, que causou grande indignação no arraial. E logo o Duque e Conde d'Ourem, com as principaes pessoas do campa d'El-Rei, se vieram a elle a persuadil-o que não havia que esperar, que claramente se conhecia o animo do Infante, que era tirar-lhe a vida, que elle queria fazer com suas traças, se fizesse logo d'elle. Como a indignação era em El-Rei maior que em cada um d'elles, mandou que se não esperasse mais, e se não desse vida a nenhum, e que o mesmo Infante fosse o primeiro, pois em tempo que elle estava dando tantas esperanças de perdão, andava machinando e traçando tirar-lhe a vida; o que logo se poz em effeito, como se verá do capitulo seguinte.

CAPITULO XXVI

Da batalha que houve e morte do Infante e todos os seus

Foi tão grande a indignação d'El-Rei, Duque de Bragança e Conde d'Ourem, e ainda de todo o campo, que a grandes vozes clamavam que logo commettessem os arraiaes do Infante e se não desse vida a nenhum de quantos traidores com elle estavam, pois tanto ás claras mostrava ser traidor, o que faziam com tanta confusão e determinação que os não podiam ter; mas temendo El-Rei e o Duque alguma grande desordem, se confusamente e sem a ordem devida commettessem, louvando-lhe a sua resolução, lhe mandaram que se não desordenassem e seguissem suas bandeiras, e a ordem de seus capitães e todos a de seu general, que era o mesmo Duque; e repartindo o combate do arraial, do qual o Infante se não atrevia a sahir, e recolhido esperava alguma desordem no d'El-Rei, por ter ouvido a confusão que n'elle ia, da qual se

esperava aproveitar, succedendo o que esperava a que se não deu lugar, porque n'aquelle breve tempo deu o Duque tal ordem aos coroneis e capitães, que toda a industria do Infante e suas traças, com a insolencia do conde d'Abranches, ficaram frustradas, e seu arraial foi por muitas partes combatido; e ainda que os seus se deffendiam e offendiam valorosamente e como gente desesperada, foi tão grande a indignação e resolução dos d'El-Rei, e com tanto animo accommetteram, que foi logo por ventura e por muitas partes entrado, pondo por terra e arrasando os vallos e deffensas, o que não poude, sem muitas mortes de ambas as partes, e da parte d'El-Rei, foram mortos muitos bons cavalleiros e soldados de nome conhecido por esforçados, porque de uma parte sua determinação e da outra vêr que estavam á vista d'El-Rei e conhecerem d'elle quanto estimava os que eram taes não receiavam metter-se nos maiores perigos, arriscando suas vidas pela honra e fama por livrar a seu Rei de um tyrano e tão grande inimigo como o nomeavam, que era o assumpto para que ali eram vindos com tanto animo e vontade. E se levantou logo um rumor e vosearia, em que se dizia que d'aquella vez não ficasse raiz nem semente de traidores que tornassem a inquietar o reino, em que sempre a lealdade fôra tão estimada.

Conheceu-se bem o valoroso animo do moço Rei n'aquella primeira batalha em que se achou, porque acompanhado do Duque seu tio e do Conde d'Ourem, seu primo, que como tão propincuos no sangue e leaes nas obras quizeram atalhar que seu grande esforço o não mettesse em algum perigo em que arriscasse a vida, por lhe ser tão notorio quanto

desejavam os contrarios de lh'a tirar; porque nunca o desacompanharam, e asssim em sua companhia com outros muitos cavalleiros andaram discorrendo de uma parte a outra, louvando as cavallarias e esforço de uns, e animando a todos, que é o mais certo caminho para fazer os principes amados e os vassallos valorosos, e fazerem obras dignas de eterna fama, sendo coisa que ao Rei lhe custa pouco, e o vassallo tanto estima; injustamente faz o principe que nega similhante satisfação; esta falta se não conheceu nunca no voloroso Rei D. Affonso, porque sempre premiou os seus, honrando-os por todas as vias que lhe foi possivel e fazendo-lhe outras mercês mui avantajadas, que foi causa de em seu tempo haver valorosos cavalleiros, com os quaes fez em Africa valorosos feitos com que mostrou bem não degenerar dos seus antigos progenitores, antes dar lustre ao valor dos que mais ennobreceram o real tronco de que era felice ramo.

Entrado que foi o arraial do Infante não se viu n'elle mais que mortos de uma e outra parte, porque como os d'El-Rei fossem muitos e viessem levados de uma determinação tão resoluta de não deixar nenhum com vida, e os do Infante conhecessem que lhe não restava outra esperança de vida mais que o valor de seus braços lhe podia dar, o que era coisa de todos, assim uns como outros fazerem façanhas dignas de eterna fama. E como d'ambas as partes houvessem tal resolução e pelejassem a pé quedo, (se assim se póde dizer) em espaço de hora e meia foram os do Infante postos a cutello, ficando mortos e estirados n'aquellas fragas e asperezas, que lhe não valeram pelo grande desejo com que eram buscados e mortos, porque como lhe tivessem

tomado todos os altos, cercados por todas as partes, alguns que pozeram suas esperanças na fugida, foram tomados e mortos como estava mandado por El-Rei e pelo Duque.

O Infante andando a batalha em pezo, e elle acompanhado d'alguns cavalleiros pelejando e discorrendo de uma parte a outra e animando os seus, lembrando-lhe que de suas obras podiam tirar honra e vida com outros grandes bens e esse era o unico e só remedio em que podiam estribar, que aspirassem á victoria ou que morressem como cavalleiros com as armas nas mãos e não nas dos vis algozes como cobardes e pusilanimes; o que foi parte para se metterem pelos d'El-Rei, levados d'aquella fraca esperança, e fazerem obras temerarias. Mas por fim todos acabavam nas suas mãos no pequeno espaço que fica dito.

Andando pois o Infante assim discorrendo dando e fazendo dar muitas mortes como esforçado que era, veiu uma seta perdida, que o não foi n'aquella hora, que lhe passou uma cota de malha e uma roupeta comprida de veludo carmezim, que debaixo d'ella trazia e lhe atravessou o coração, que deu motivo a muitas prespectivas para dizerem que foi justo juizo de Deus (como todos o são) ser ferido n'elle como centro onde teve, em quanto viveu, reconcentrados os pensamentos de tyranno, tendo sempre em todos os seus actos as palavras differentes das obras, como bem se colhe d'ellas e do discurso de sua vida, porque estas denunciam animo tyranno, cheio de ambição insaciavel que era causa de não reconhecer Rei nem senhor; nas palavras mostrava uma justa moderação e modestia ajustada com a razão; mas conforme as sentenças de muitos

sabios havemos de dar credito ás suas obras e não a suas palavras.

Foi sua morte tão repentina que se póde duvidar se teve tempo para pedir perdão a Deus de suas culpas, n'aquelle ultimo transito; mas como Elle é tão misericordioso que nunca falta com todos os auxilios necessarios para nosso remedio, não se póde duvidar que n'aquelle pequeno espaço, que lhe duravam as ancias da morte, lhe acudiria com a Sua Misericordia, para que pois o corpo pagava com tão deshonrada e ignominiosa morte, sua alma se salvasse e fosse gosar da Bemaventurança para que a creou.

O conde d'Abranches, causa d'esta destruição, depois de por bom espaço ter pelejado e feito grande damno nos d'El-Rei, e tendo já recebido algumas feridas, vendo-se cançado, fraco e já desfallecido, tornou á sua tenda, e pediu comer, e ahi soube da morte do Infante, dizendo logo que nunca Deus quizesse que elle faltasse da promessa e voto que tinha feito de morrer com elle; depois de ter comido e bebido, se tornou á batalha contra os d'El-Rei, que andavam encarniçados em dar mortes, e se lançou entre elles, fazendo algum damno, como vinha de refresco; mas tardou pouco que não cahisse atravessado de muitas lançadas e feridas mortaes, e em logar do dôce nome de Jesus, que n'áquella ultima hora lhe podera ser de grande bem, acabou com estas palavras: — Ora fartar, rapazes, e vingar, villãos.

E, acabando de cahir (por ventura com a alma inda entre os dentes, se assim se póde dizer), um amigo seu lhe cortou a cabeça, que levou a El-Rei, que por preço d'ella alcançou perdão, que lhe foi

concedido; pela vontade que El-Rei tinha ao conde, que bem sabia que se este homem não sanara as cousas do Infante, por ventura que não chegariam ellas a fim tão desesperado.

CAPITULO XXVII

Do que mais succedeu depois da batalha

Estava o animó de El-Rei tão entregue e senhoreado de sua paixão, que não bastou para mitigar sua ira a presente miseria do Infante com a morte de tantos cavalleiros quantos estavam lavados em seu sangue, e alguns d'elles ainda com as ancias da morte por aquella fragosa serrania, porque, vendo a batalha acabada, deu livre o saque aos seus, para que cada um fosse senhor do que tomasse. E mandou tambem que nenhum cavalleiro ou soldado, ou outra alguma pessoa, se partisse emquanto elle os não mandasse despedir.

E com toda a gente com que ali viera esteve no campo os tres dias que costumam os vencedores, e n'elles não quiz nem consentiu que se desse sepultura ao Infante, nem que fosse tirado d'entre os mortos, do logar em que cahira e acabara envolto em seu sangue; e, passados aquelles dias, deu li-

cença que o sepultassem, mas não em sepultura como quem era e como se devia a pessoa de tanta qualidade; e ao tempo que foi levado estava inchado já e corrupto de tal modo que se não podia soffrer o mau cheiro que d'elle procedia, e foi d'ahi levado a sepultar ao logar de Alverca, em sepultura humilde, como El-Rei já tinha mandado, sem se fazerem em seu enterramento honras algumas.

Os mais mortos da parte do Infante ficaram no logar onde perderam a vida, salvo alguns, a que seus parentes e amigos fizeram sepultar, uns no mesmo arraial, outros nos logares mais visinhos; e todos os mais ou foram comidos das aves e animaes brutos, ou o tempo gastou seus corpos n'aquellas solitarias asperezas e incultas fragas, bem conforme desaventura a sua deslealdade e rebellião e caminho errado que seguiam; porque, ainda que Deus, como misericordioso, tarda com o castigo que lhe merecemos, sempre lhe chega o tempo de nossa emenda tarda.

Os mortos do campo d'El-Rei mandou fossem enterrados, e todos os fidalgos e cavalleiros de conta fossem levados a sepultar em logares e sepulturas convenientes, e os soldados communs foram enterrados n'aquellas mesmas serras.

Passados os tres dias, sahiu El-Rei d'aquellas asperezas, com todas suas gentes, indo ainda o campo com ordem militar costumada, seguindo cada um seu capitão e bandeira. Logo ao outro dia despediu sua gente, dando-lhe muitos agradecimentos pela vontade com que n'aquella occasião o vieram servir, louvando e encarecendo sua lealdade, promettendo-lhe muitos favores, honras e mercês, dizendo-lhe mais que esperava com elles fazer grandes conquistas em serviço de Deus, estendendo sua

Santa Fé; e despedidos com o Duque de Bragança e Conde de Ourem, e gente mais qualificada, e a mór parte da de cavallo, se tornou a Santarem, ficando por então este reino por muitos annos com a maior paz e quietação que havia tido de muito tempo atraz; e não sómente a houve n'estes reinos, mas quasi foi universal na maior parte da Europa.

A morte do Infante foi julgada com diversidade, porque os que lhe eram affeiçoados a julgavam por dura e cruel, e não queriam que de sua parte houve culpa para tanto, e attribuindo-a ao odio que havia entre elle e o Duque seu irmão e o Conde de Ourem, seu sobrinho, o qual não parou aqui, antes lavrou, e se accendeu mais em seus descendentes, como bem se viu no que El-Rei D. João II usou com o Duque D. Fernando, seu primo, e com o Condestavel, seu irmão, Marquez de Montemór-o-Novo, com os mais irmãos o Conde de Faro e D. Alvaro, pois é bem sabido que o mais que se lhe impoz com verdade foi queixar-se por cartas a El-Rei D. Fernando Catholico, e á Catholica Rainha Izabel, da aspereza com que El-Rei D. João o tratava a elle e a seus irmãos, e a todos os mais da casa real d'estes reinos, o que não dava materia de que se podesse fazer muito caso, e menos a dava pertender que se lhe guardassem suas juridições e mercês que lhe foram concedidas pelos reis D. Duarte e D. Affonso seus tios; e foi mui differente materia a que deu o Infante D. Pedro que fica referida, e comtudo não falta quem lhe ache desculpa e a queira dar ao Duque D. Fernando, mas não ha opinião por mim, e desarrazuada que seja, que não tenha alguem por si, porque é cousa infallivel que nunca o vulgo sabe julgar das cousas como merecem.

CAPITULO XXVIII

E ultimo de muitas cousas pretencentes á historia

TANTO que El-Rei despediu sua gente se recolheu a Santarem, acompanhado do Duque seu tio e seu primo o Conde de Ourem, e algnus fidalgos mais principaes do reino, e tanto que foi n'elle os mandou ajuntar para tratar dos negocios do Infante D. Pedro e suas cousas, e n'elle foi determinado que como rebelde e desleal a seu Rei e corôa merecera a morte que lhe fora dada, e sua memoria condemnada, e seus estados e terras, com todos os seus bens confiscados e adjudicados á corôa real; e n'elle se começou e acabou sua casa com grande detrimento da casa real de Portugal, nem seus filhos e descendentes permaneceram, porque, posto que tiveram grandes pretenções lograram-se mal, como por alguns outros está escripto.

Contra os mais que o seguiram, que todos com elle morreram, se fulminaram processos, e foram

condemnados por traidores a seu Rei e inimigos da casa real, e todos os seus bens confiscados; dos quaes fez d'elles mercê aos mais leaes dos seus; alguns tinha já d'antes dado no tempo que o Infante estava em Coimbra, que eram os que elles tinham da corôa; e tambem muitos d'elles foram dados aos creados da Rainha, que a serviram e acompanharam em seus trabalhos e miserias; e acabado de tratar o tocante ao Infante D. Pedro e seus sequazes, ficou El-Rei temido e amado de todos os seus vassallos, e reconhecendo as grandes obrigações que tinha ao Duque seu tio, como aquelle que sempre favoreceu a Rainha sua mãe, e nunca a desamparou; e elle e seus filhos fizeram brava resistencia ao Infante Governador para não pôr em effeito o que sua ambição lhe pedia; e finalmente por ordem sua se fez esta guerra, pelas quaes razões e outras muitas lhe fez mercê de lhe dar a cidade do Porto, e a villa de Guimarães, e outras terras d'aquellas comarcas, com todas suas jurisdicções, achando ser ainda pequena satisfação em respeito de tão grande Principe e tão leal vassallo que tão bem o tinha ajudado.

Logo o Duque houve a Guimarães, e porque a cidade do Porto fez grande resistencia, alegando fôra primeiro patrimonio de Portugal, e cabeça da casa real d'elle, a não houve o Duque por não ter vassallos forçados, e desistiu da doação, o que El-Rei lhe satisfez com outras terras e grandes mercês do patrimonio e corôa real, com que se houve por bem satisfeito, ficando com tanta reputação, que emquanto viveu ficou governando este reino de Portugal com tanta satisfação e prosperos successos, que El-Rei lhe dava a mão em todos os negocios

do governo, com que ficou bem gratificado do que por elle, e pela Rainha sua mãe tinha feito.

Não ficou a ira d'El-Rei mitigada com a dura morte do Infante, porque não sómente lhe negou por então ser sepultado em sepultura honrada, mas nem d'ahi a muitos annos o quiz conceder, porque passado algum tempo passaram seus ossos a uma sepultura pouco mais auctorisada, que se lhe fez em Abrantes, para onde foram levados de Alverca, e no castello da villa d'Abrantes estiveram alguns annos, os quaes passados foram levados a S. Bento de Emxabregas, até que no anno de 1455, a instancias da Rainha sua filha, do Summo Pontifice e da Duqueza de Borgonha, sua irmã, tia d'El-Rei, houve por bem d'elle mandar dar honrada sepultura no mosteiro da Batalha, para onde foi levado com grande pompa, onde está. E da villa d'Alverca onde ficou a maior parte d'elle, sabemos que se ha de levantar no ultimo dia e final juizo, a dar conta, e então serão bem publicos e conhecidos seus pensamentos, e se era verdadeira a tyrannia que d'elle se suspeitava, e suas obras mostraram, ou a lealdade que suas palavras queriam dar a entender; que dos homens é julgar pelas obras e actos exteriores; mas a Deus é que nada se esconde, não só pelas obras mas pelos mais intimos movimentos do coração.

FIM DA TERCEIRA E ULTIMA PARTE

sabios havemos de dar credito ás suas obras e não a suas palavras.

Foi sua morte tão repentina que se póde duvidar se teve tempo para pedir perdão a Deus de suas culpas, n'aquelle ultimo transito; mas como Elle é tão misericordioso que nunca falta com todos os auxilios necessarios para nosso remedio, não se póde duvidar que n'aquelle pequeno espaço, que lhe duravam as ancias da morte, lhe acudiria com a Sua Misericordia, para que pois o corpo pagava com tão deshonrada e ignominiosa morte, sua alma se salvasse e fosse gosar da Bemaventurança para que a creou.

O conde d'Abranches, causa d'esta destruição, depois de por bom espaço ter pelejado e feito grande damno nos d'El-Rei, e tendo já recebido algumas feridas, vendo-se cançado, fraco e já desfallecido, tornou á sua tenda, e pediu comer, e ahi soube da morte do Infante, dizendo logo que nunca Deus quizesse que elle faltasse da promessa e voto que tinha feito de morrer com elle; depois de ter comido e bebido, se tornou á batalha contra os d'El-Rei, que andavam encarniçados em dar mortes, e se lançou entre elles, fazendo algum damno, como vinha de refresco; mas tardou pouco que não cahisse atravessado de muitas lançadas e feridas mortaes, e em logar do dôce nome de Jesus, que n'áquella ultima hora lhe podera ser de grande bem, acabou com estas palavras: — Ora fartar, rapazes, e vingar, villãos.

E, acabando de cahir (por ventura com a alma inda entre os dentes, se assim se póde dizer), um amigo seu lhe cortou a cabeça, que levou a El-Rei, que por preço d'ella alcançou perdão, que lhe foi

concedido; pela vontade que El-Rei tinha ao conde, que bem sabia que se este homem não sanara as cousas do Infante, por ventura que não chegariam ellas a fim tão desesperado.

INDEX

DO

LIVRO TERCEIRO

Pag.